BIZZ

ENGENHEIROS
A MAIOR BANDA DO BRASIL?

DE AXL A BART SIMPSON
Retrospectiva 91!

Achtung Baby

O U2 VOLTOU.

E ESTA JÁ É UMA ÓTIMA NOTÍCIA. MAS VOCÊ VAI ACHAR AINDA MELHOR QUANDO OUVIR **ACHTUNG BABY.** O **U2** VOLTOU COM TUDO, E LOGO, LOGO, VAI TER MUITA GENTE POR AÍ DIZENDO QUE **ACHTUNG BABY** É A TRILHA SONORA DOS ANOS 90. INCLUSIVE VOCÊ. OUÇA O NOVO DISCO DO **U2** E VOCÊ VAI SE LEMBRAR QUE O VERDADEIRO ROCK NÃO SE FAZ COM CARAS E BOCAS, MAS COM GARRA E TALENTO.

CD • LP • MC

PolyGram

ISLAND

Se você está de saco cheio de pose e purpurina, nós temos uma boa notícia ...

Adeus ano velho...

Refletir o que passou neste 91 movimentadão — sem cair num mero resumo nem descuidar das novidades deste fim-de-ano — é um objetivo que atravessa toda esta edição.

Já a partir da capa, porque em 91 nenhuma banda deste país bateu os Engenheiros Do Hawaii em popularidade. Por essa e por outras — como o fato de *Várias Variáveis* ser um disco com fortes tendências progressivas e experimentais, e estar saindo quase simultaneamente com o novo da talvez ex-maior banda do Brasil, Legião Urbana — é que Gessinger, Maltz e Licks foram convocados para mais uma entrevista e uma segunda capa de BIZZ. A crítica de *VV* está na seção *Discos*; o papo, na página 28.

A panorâmica do ano estende-se também a grupos que voltaram fortalecidos em 91, como Dire Straits e Public Enemy; à *Fast Forward*, à *Retrospectiva*, à *Dance Music*... até *Ao Vivo*, em que reinam Metallica (banda heavy do ano, disparado), o cinematográfico Ice-T e um dos poucos nomes novos do pop brasileiro que deram certo nos últimos tempos, Vange Leonel.

E agora você quer saber como será 92? Fácil. Em janeiro você vai ouvir Renato Russo sobre o disco mais estranho da carreira da Legião Urbana — o novo, *V*.

1992, another year with nothing to do... ou não? Feliz ano novo!

Foto/Grafa

João Santos Ahul

Fotos de Capa: Dario Zeta (Engenheiros do Hawaii), Sony (Public Enemy), Rosa Barnes (Mark Knopfler)

4 **SHOWBIZZ** Cowabunga!

10 **FAST FORWARD** Só gente estranha

22 **ENGENHEIROS DO HAWAII** Num papo de gaúcho

28 **DIRE STRAITS** Chamando Elvis

32 **RETROSPECTIVA 91** Foi lindo

50 **PUBLIC ENEMY** Mais radicais que nunca

54 **DANCE MUSIC** O ano nas pistas

56 **PARADA** Aqui e lá

58 **JUKEBOX** Easybeats

60 **AO VIVO** Monsters of Rock, Vange, Ice-T

65 **DISCOS** Prince, Marcelo Nova & Rita Lee

74 **VÍDEO** Roberto Carlos em ação!

76 **LETRA** "Enter Sandman", Metallica

78 **CARTAS** Antunes massacra um babaca

82 **DISCOTECA BÁSICA** *Rocket To Russia*, Ramones (77)

PASSADO PESADO

Numa entrevista especial para a *Spin*, a complicada Sinéad O'Connor fez uma bateria de declarações fortes.

Contou sobre um aborto que fez no ano passado. "Decidi que era melhor ter um filho mais para frente, quando seu pai estivesse por perto e envolvido."

Sinéad revelou que ela e seus irmãos eram severa e freqüentemente espancados por sua mãe, abandonada por seu pai. A família era muito pobre e os filhos estimulados pela mãe a roubar. Apesar de tudo, Sinéad — que fugiu de casa aos treze anos — diz que não guarda rancor e ainda ama a mãe.

SEPARAÇÃO NOS TEARS FOR FEARS

Curt Smith deixou o Tears For Fears para seguir carreira solo. Segundo declarou, a separação foi "amigável". Roland Orzabal, o principal compositor do grupo, continuará lançando discos como Tears For Fears. Para 92 estão previstos uma compilação com uma faixa inédita e um álbum novo.

PolyGram

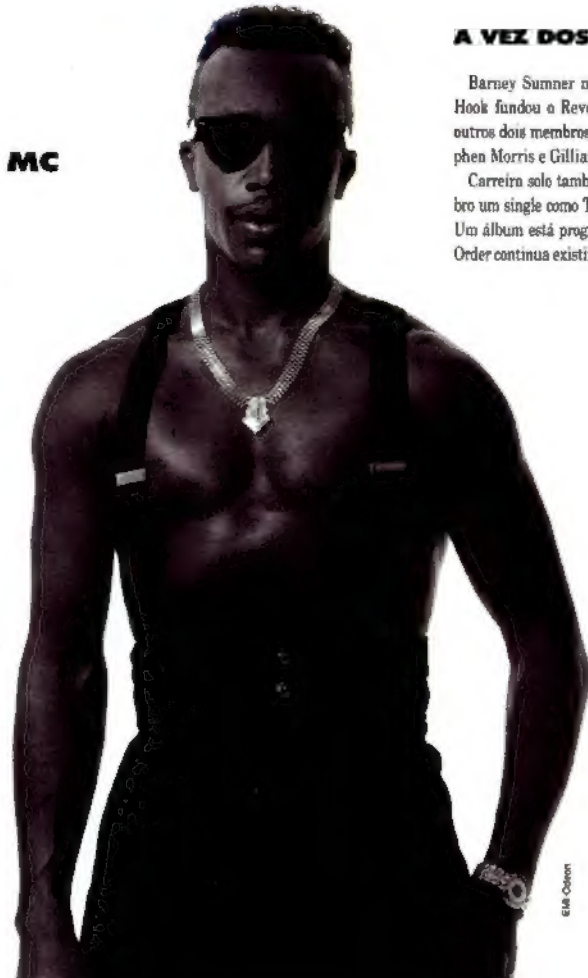
HAMMER TIRA O MC

MC Hammer, que lança agora seu novo disco *2 Legit 2 Quit*, será conhecido daqui para frente apenas como Hammer. MC originalmente quer dizer "master of ceremonies", mas no vocabulário do rap também significa "mike controller" (controlador do microfone).

Hammer fez a coisa certa. Tem MC demais por aí. Alguns exemplos:

MC Lyte
MC Mello
MC Batata
MC Skat Cat
MC Wildski
MC Tunes
Ice MC
Young MC
Stereo MC's

EMI-Odeon



EMI-Odeon

A VEZ DOS OUTROS DOIS

Barney Sumner montou o Electronic e Peter Hook fundou o Revenge. O que restou para os outros dois membros do New Order, o casal Stephen Morris e Gillian Gilbert?

Carreira solo também. Eles lançaram em outubro um single como The Other Two, "Tasty Fish". Um álbum está programado para 92. Mas o New Order continua existindo, não se preocupe.

OUÇA ESSA

"Foi uma desgraça eu ter dito um dia 'Vamos dançar, vamos dançar para valer'... Pô, dançar. Logo eu que estudo horas por dia."
Ed Motta não quer saber de gente dançando no seu show. Também, com o atual repertório...

"O que eles acham fascinante nestes bastardos de meia-idade tocando basicamente a mesma coisa que sempre tocaram?"
Jerry Garcia, do Grateful Dead, sobre seus fãs adolescentes

"Lamberei a maçaneta da porta em que tua mão tocar."
Rita Lee baba por David Bowie num texto para a revista *Qualis*

"Sei que será reconhecido como o melhor disco da década."
Mick Hucknall, Simply Red, sobre seu novo disco *Stars*

"Não posso me identificar com Madonna em nenhum nível, porque ela é só produto e embalagem."
Eric Clapton na *Rolling Stone*

"Vi o show do Maggie's Dream e adorei. Aquele é o som que a gente se propõe a fazer."
Loro, do Capital Inicial *(Perfeito! O Dinho sempre teve cara de Menudo mesmo — A.F.)*

ROB TYNER (MC5)

Morreu de ataque cardíaco Rob Tyner, aos 46 anos, ex-vocalista do MC5. Este grupo de Detroit teve influência enorme sobre o rock atual. Discos como *Kick Out The Jams* (69) e *Back In The USA* (70) ajudaram a fornecer as bases sonoras para o thrash, o heavy metal e o punk (neste caso, bases ideológicas também. O MC5 era anarquista até a medula).

Ao lado dos Stooges e Mitch Ryder And The Detroit Wheels, o MC5 liderou a antológica cena rock de Detroit do fim dos anos 60 e início dos 70. O último trabalho de Tyner foi o disco *Bloodbrothers*, do ano passado, com sua Rob Tyner Band.

SOL! PRAIA! ALEGRIA!

Ou seja: chegaram as férias. E, para você curtir o verão como merece, é preciso planejar uma trilha sonora de acordo. Primeiro providencie fitinhas decentes, um bom walkman e muita pilha alcalina. Depois grave as sugestões da redação da BIZZ:

FITA DE FÉRIAS BOA TEM...

"Holiday" Madonna
"Holidays In The Sun" Sex Pistols
"Vacation" Connie Francis
"Vacation" Go-Go's
"Hooray! Hooray! It's A Holiday" Boney M
"Holiday" Kool & The Gang
"Holiday Road" Lindsey Buckingham

OU ALGUMA COISA DE...

B-52's
Ventures
Paula Abdul
Beach Boys
C+C Music Factory
Tim Maia
Red Hot Chili Peppers
Monkees

MAS, POR FAVOR, NADA DE...

Billie Holiday
Joy Division
Public Enemy
Ministry
Morrissey
Leonard Cohen

Sony

PolyGram

BAIXARIA Depois de um show dos Black Crowes na Inglaterra, o empresário da banda tentou subornar o jornalista da *NME*, Dele Fadele. O empresário ofereceu 250 libras para conseguir aquela crítica positiva. Fadele recusou indignado.

CAIPIRAGEM Acredite se quiser: uma metade do KLF, Bill Drummond, está nos EUA (onde "3 Am Eternal" foi *Top 10*) gravando uma versão da sua "Justified And Ancient" com a breguíssima cantora de country Tammy Wynette.

DARK EM DOMICÍLIO O próximo show dos Sisters Of Mercy será na casa de um fã. A banda lançou um concurso entre os assinantes da revista do seu fã-clube oficial. O vencedor ganhará o direito de ter Andrew Eldritch e Cia. tocando no porão de sua própria casa.

MALA Luther Campbell, do 2 Live Crew, pagou a pensão mensal de 1,2 mil dólares de seu filho sob a forma de 120 000 moedas de um cent — em 24 sacos.

TINA La Turner está relançando seus clássicos. Primeiro foi um remix 90 para "Nutbush City Limits" (73). Agora ela tirou o lendário produtor Phil Spector do isolamento para regravar "River Deep, Mountain High". Spector produziu o original em 69 para Ike e Tina.

AXL PISA Em lembrança à tragédia de St. Louis, Axl Rose escreveu um "Fuck You, St. Louis" no encarte do novo disco do GN'R. Mais de dois mil habitantes indignados da cidade promoveram uma passeata anti-Axl em resposta.

CHICANOS Latin Alliance é um projeto reunindo rappers hispânicos da América como Mellow Man Ace e Kid Frost. Seu single "Low Rider" tem a participação do lendário grupo de latin-funk War, autor do original nos anos 70.

TIJOLADA Iggy Pop acaba de entrar para o Brick Hall of Fame por *Brick By Brick*. O "salão da fama dos tijolos" foi criado pela Associação de Distribuidores de Tijolos dos EUA para premiar astros que "ajudam a promover o setor". Pink Floyd (*The Wall*) já entrou para o hall.

EM ESTÚDIO Pete Townshend, Happy Mondays, Pretenders, Roger Daltrey, KLF, Charlatans e George Michael.

MUSA Tanya Donelly, dos Throwing Muses, deixou a banda para seguir carreira solo. O motivo alegado foi seu relacionamento difícil com a vocalista Kristin Hersh.

POUCAS & BOAS

Lee Elliott

LONDRES

Bryan Adams dominou as paradas durante quatorze semanas mas nem tudo está perdido • O final do verão ficou um pouco mais animado com o Unity Carnival, uma tarde de música no parque organizada pela Anti-Fascist Union. Soho e 5:30 decepcionaram mas o 25th Of May botou muita gente para dançar. O ponto alto foi no final com a presença do On-U Sound System: uma declaração hilariante de Annie Anxiety, alguns clássicos do reggae com o African Headcharge e uma grande festa dub-dance com Gary Clail, acompanhado por alguns membros do Tackhead • Com a saída de Jacqui, o Bananarama agora virou deo. O próximo disco contará com a produção de Stock, Aitken e Waterman (de novo), George Michael e, dizem, até de Prince • O prêmio "Sonho Meu" vai para Bryan Ferry. Ele não só está pensando em fazer uma plástica como também quer "desenhá-la" ele mesmo • A festinha de Dave Stewart no Imaginary Building, no centro de Londres, atraiu dúzias de celebridades: Bob Geldof e Paula Yates, Roger Taylor (Queen), Mick Jagger e, claro, a Sra. Stewart: a ex-Bananarama e atual Shakespeare's Sister Siobahn Fahey. O casal arrasou chegando num Rolls Royce pintado de flores • O show do ano foi a estréia do Nine Inch Nails em Londres. "Todo mundo" estava lá, confirmando a previsão de que logo chegarão ao megaestrelato. Dave Gahan (Depeche Mode), Matt Johnson (The The) e Johnny Marr (vários), Siouxsie mais Banshees e até os Cocteau Twins aplaudiram muito.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Mais uma vez a Adidas faz como os grandes atletas: supera todas as marcas.

CROSS TORSION

CORRE POR AÍ A NOTÍCIA QUE A ADIDAS TEM UM TÊNIS QUE SERVE PARA MUITOS ESPORTES. ALIÁS, CORRE, PULA, ANDA, DANÇA, PEDALA, ETC. E VOCÊ FAZ TUDO ISSO COM A SEGURANÇA PROPORCIONADA PELO EXCLUSIVO SISTEMA TORSION. CROSS TORSION. PARA TER UM TÊNIS MÚLTIPLO, FAÇA UMA ESCOLHA ÚNICA: ADIDAS.

adidas

ADIDAS DO BRASIL - INFORMAÇÕES AO CONSUMIDOR - TEL: 531-6044

FAST FORWARD

Baixaria

Ele é o baixista fundador do PIL. É *dance* e é vanguarda e é o máximo. Só que você não conhece. Tudo bem: *ninguém* conhece Jah Wobble. Ainda

Jah Wobble? Que Jah? Aquele que te comeu atrás do sofá? *Who the fuck is John Wardle, a.k.a.* Jah Wobble, ou "*o bambolelo de Deus*"?

Aos dezoito anos ele e seu baixo inconfundível criaram, com a voz de John Lydon e a guitarra de Keith Levene, o som do Public Image Ltd. A banda cuja missão (quase) impossível era ocupar o espaço deixado pelos Sex Pistols...

Não só substituíram como superaram. Mas o crescente egocentrismo de Lydon botaria primeiro Wobble e depois Levene para fora. Certíssimo. Eis dois caras que nasceram mesmo para ser *outsiders* (Levene, antes tinha sido fundador do... Se souber, ganha um doce. É claro que não sabe. Do *Clash!* Só que essa já é outra história).

"A gente se odiava! *(risos)*. Agora sempre vejo o Keith e o John, nos damos bem." Jah saiu do PIL depois de *First Issue* e *Metal Box* — os melhores discos da banda, segundo PILmaníacos informados. "A verdade é que estávamos tomando drogas diferentes *(risos)*"...

O período que se seguiu foi caótico. Jah tocou com inúmeros artistas: Holger Czukay, The Edge, Dub Syndicate, African Headcharge, Gary Clail, Sinéad O'Connor, Ginger Baker, Adrian Sherwood, Primal Scream... Deus e todo mundo.

Também trabalhou como bilheteiro do metrô, e bebeu até cair.

Jah Wobble e seu guitarrista, Justin Adams, estão sentados lado a lado, vendo quem é que consegue falar mais. Ambos estão tentando explicar — ao mesmo tempo — a importância da música em suas vidas...

A ressurreição de Jah Wobble, diz ele, só ocorreu depois de ter conhecido Justin. E isso apesar de seus LPs solo, no começo dos anos 80, já serem inquestionáveis obras-primas. (A título de informação, seu segundo álbum, *Bedroom Album* — gravado em seu quarto, como o título bem esclarece —, é um dos prediletos do... Vale outro doce. Não sabe. Do *Renato Russo!*).

Wobble e Adams foram apresentados pelo percussionista e colaborador Neville Murray e transformaram o antigo nome da banda de apoio de Jah — Invaders Of The Heart — em um projeto coletivo.

Com os toques islâmicos/chineses/africanos da guitarra de Adams e o produtor Michael Schoots (Urban Dance Squad), improvisaram em uma locação inusitada — um posto de polícia abandonado na Holanda — um LP à altura do velho *Bedroom's, Whithout Judgement*".

Com a entrada de Mark Ferda nos teclados, o núcleo dos Invaders está completo. O LP *Rising Above Bedlam* — com Sinéad cantando em duas faixas — vai confirmar aquilo que os (poucos) fãs já sabem: o visionário Wobble transcende as barreiras de tempo, espaço, cultura.

Justin: "Há duas maneiras de fazer música. Uma é o método do 'vilarejo': a religião e a cultura são tradições fortes, próximas. O nosso é o do indivíduo neurótico que tem que encontrar o seu próprio caminho". É por isso que eles detestam o rótulo *world music*.

Wobble: "É uma expressão imperialista. Odiei o disco do Paul Simon. Os músicos são maravilhosos, mas há uma distância enorme entre eles e a música em si. Me faz sentir sujo: é como se eu dissesse 'esta semana vamos ouvir música brasileira, vamos ver o que dá para usar'".

Adams: "Vivi no Oriente Médio quando eu era criança, mas só fui ouvir música árabe depois que me apaixonei pelo blues, jazz, reggae, afro... Aí fui para a Turquia e pensei: 'Uau, que música funky!'"

Wobble e Adams querem desembarcar uma hora dessas no Brasil. As razões são boas: o futebol e a música... Entre exclamações, os nomes citados são Egberto, Hermeto ("O quê? Ele usa porcos de verdade?", pergunta Wobble, e logo canta uma *bassline* com imitação de porco e tudo), samba em geral, Gilberto Gil (Wobble assobia "Toda Menina Baiana", Justin berra "Isso é brasileiro? É lindo!" Ato contínuo, estão ambos batucando no sofá).

"Sabe", conclui Wobble, "essa gente é que devia tomar conta da música pop... Eles é que sabem como fazê-la." *ALEX ANTUNES*

ANAMARIA G. DE LEMOS

* Veja a discografia de Jah Wobble em Fichas

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

BLOOD SUGAR SEX MAGIK Punk-funk ultra-sexy, baladas sentidas, vinhetinhas, *vaudeville*, produção de Rick Rubin e até guitarras tipo Eagles fazem o melhor disco dos **Red Hot Chili Peppers** — e duplo, ainda por cima. *A.F.*

Ré! Ré! Ré! Nada como um bom trambique para entronizar os pândegos do **Dread Zeppelin** por aqui. E o golpe foi preciso: lançar o *début* **UN-LED-ED**, com "Stairway To Heaven" (a única boa do segundo disco) de *bonus track*. *C.P.*

Se alguém ainda duvida da capacidade dos **Pet Shop Boys** de escreverem hits brilhantes, a coletânea de singles **DISCOGRAPHY** é a definitiva prova dos nove. Inéditas: "DJ Culture" e "Was It Worth?". *C.R.*

Apesar de reprovada pelo grupo, **THE BEST OF R.E.M.** é uma bela coletânea. Ainda mais para o público brasileiro, que não tem à sua disposição os três primeiros LPs (alô, Odeon). As faixas vão de *Murmur* a *Document*, compondo uma versão atualizada de *Eponymous* (também inédita aqui). *M.A.G.*

Fishbone

Os Precursores

Eles nunca atingiram o mesmo êxito de funk-metaleiros como Red Hot Chili Peppers e Faith No More. Mas, graças ao sucesso destes, a coisa está mudando para o Fishbone — sete negros que há quase treze anos tratam de interpretar dance negra (rhythm'n'blues, funk, George Clinton, go-go) com veneno metaleiro e sofisticação jazzística.

A Columbia, acordando para o potencial do filão, meteu ficha no seu último disco, *The Reality Of My Surroundings*. O álbum tem um pouco de ska e rock e muito de funk pesado: as letras examinam a vida no gueto com realismo, mas sem mau humor.

Resultado: o disco chegou no *Top 40* americano, a banda partiu para uma longa e bem-sucedida excursão e virou queridinha do circuito universitário americano. Se você gosta de Living Colour (que no começo da carreira era comparado ao Fishbone), não perca. C.B.

432 CDs

2367 Discos de Vinil

358 Cassetes

1 CD-X40B SHARP

Finalmente um aparelho de som onde todas as suas emoções ficam preservadas com muito mais potência, pureza e nitidez.

Discos de vinil, CDs, fitas cassetes; todo o seu passado e o seu presente num aparelho de som que já chegou no futuro.

CD-X40B STEREO MUSIC SYSTEM
•
CD Player Programável
•
Duplo Deck com High Speed Dubbing
•
Toca-Discos com Cápsula Magnética
•
Sintonia Digital de AM/FM
•
Controle Remoto
•
240 watts (PMPO)

SHARP
FAZ PARTE DA SUA VIDA

caipiras californianos

Se o Guns N'Roses fosse uma banda interiorana, seria muito parecido com o TESLA

Five Man Acoustical Jam foi o nome do terceiro disco do Tesla, lançado nos EUA em 90.

Ele trouxe o quinteto californiano tocando ao vivo, praticamente só com instrumentos acústicos, faixas de seus discos anteriores (*Mechanical Resonance* e *The Great Radio Controversy*) mais versões de canções dos Beatles ("We Can Work It Out"), Stones ("Mother's Little Helper") e Creedence ("Lodi"), entre outros. "Fizemos o disco acústico por pura diversão", explica o guitarrista Frank Hannon, por telefone.

Pois foi justamente este álbum fora do padrão habitual do hard rock que estourou o Tesla nos Estados Unidos. Mais que isso, ele mudou a imagem do grupo — antes, sempre acusado de copiar o Guns N'Roses.

Na verdade, o Tesla é menos pretensioso que o GNR e tem maior coesão instrumental, com destaque para a interação dos guitarristas, Tommy Skeoch e Frank Hannon. A imagem da banda também é mais pé-no-chão: está mais para roqueiro fazendeiro tipo John Cougar Mellencamp do que para bad boy drogado.

O novo álbum, *Psychotic Supper*, é uma volta à eletricidade e às referências básicas da banda: "Led Zeppelin, Aerosmith, Hendrix, Peter Frampton e Carpenters (!)", diz Hannon. "Só que com muito mais raiva que nos discos anteriores."

CELSO PUCCI

vida após a morte

A overdose que liquidou uma grande banda deu à luz o PEARL JAM

O Mother Love Bone era uma das mais promissoras bandas de heavy metal de Seattle — até março de 1990, quando morreu de overdose seu cantor e líder Andrew Wood.

Agora, o guitarrista Stone Gossard e o baterista Jeff Ament do Mother Love Bone voltam à cena. Acompanhados do baterista David Abbruzzese, do Mike McReady e de um cantor energético, Eddie Vedder, eles fundaram o Pearl Jam.

O álbum de estréia, *Ten*, desafia definições. É metal, tanto que gravou demos com os bateristas Matt Cameron (Soundgarden) e Jack Irons (ex-Red Hot Chili Peppers). Ao mesmo tempo traz traços de melancolia. E até uma queda para o animismo, cortesia do cantor/letrista Vedder. Neto de índios, é ele que dá o tom místico à coisa toda — embora na real seja um surfista maluco de San Diego. Tão maluco que batizou a banda com o nome de sua avó, Pearl Jam. Depois ainda dizem que nada no rock é inédito...

ANDRÉ FORASTIERI

METAL

HARD THRASH

O Anthrax e o Public Enemy consumaram o namorico iniciado com a gravação da faixa "Bring The Noise", incluída na coletânea *Attack Of The Killer B's*, dos primeiros. A turnê conjunta pelos EUA foi aberta pelo proeminente Primus • O destaque do mês fica para o Fudge Tunnel, trio inglês que detona a maior massaroca sonora dos últimos tempos. Radicais, eles afirmam que caras que precisam se fantasiar para fazer um som invocado são completos idiotas. O Fudge arrebenta tímpanos com cabelos curtos e a cara deslavada de quem não tem nada a ver com a balbúrdia que promove • Já os malucos do mês são um quinteto de Los Angeles chamado Haunted Garage. Muita perversão sexual e sangue aos baldes para enfeitar (?) seu som que mistura thrash/punk/heavy/rock • O prefeito Bradley, de L.A., se mostra em total sintonia com a rapaziada. Depois de inventar o dia de Freddy Kruger (o próprio), bolou a noite Alice Cooper, com todas as honrarias e formalidades oficiais. Já pensou o Collor decretar a semana nacional do Zé do Caixão? • Eric Carr, baterista do Kiss, pagou seus pecados enfrentando um câncer na garganta. Recuperado e de volta à ativa, participa das gravações do vídeo da banda, *God Gave Rock'N'Roll To You II* • As dondocas góticas do Balaam And The Angel tentam aplicar o mesmo golpe do Cult. Tiraram o "And The Angel" do nome e se travestiram de heavy metal.

EVIL OTTO

Albert Collins fala de sua técnica, influências e de uma fiel companheira: a Telecaster Louise

O guitarrista que veio do frio

"É um grande prazer para mim voltar a tocar no Brasil. O público daqui é realmente muito quente." Apesar dos seus 59 anos nas costas, Albert Collins afirma isso com a satisfação de um garoto maroto diante de um brinquedo novo. Desde o primeiro Blues Festival realizado em Ribeirão Preto (SP), há dois anos, a empatia entre o guitarrista texano e os blueseiros brasileiros só tem crescido, como atestou sua passagem por aqui na versão 91 do Free Jazz Festival.

Sem se sentir um "estranho no ninho" dos jazzistas, Collins não vê problema em incorporá-lo ao blues ("foi uma grande honra para mim ser convidado para tocar num disco de John Zorn"), além de não vacilar em recrutar músicos de soul para a sua banda ("é um pessoal de Memphis que tocava com Al Green, como os irmãos Teenie e Charles Hodges, na guitarra e nos teclados").

Na verdade, segundo Collins, esta opção diversificada faz parte da própria tradição do blues texano: "Nosso estilo é mais puxado para *big bands*, com metais e tudo mais. É diferente do Mississippi, quase não usamos *slide guitar* nem gaita".

Para definir o som *cool* que extrai da guitarra, ele tem que retroceder às suas origens: "Comecei no violão, iniciado pelo meu primo Lightnin' Hopkins. Quando passei para a guitarra, tinha primeiro uma Silvertone barata, que foi logo substituída por uma Epiphone. Foi em 52 que descobri a Fender Telecaster, o tipo que toco até hoje. Assim como B.B. King tinha sua Lucille e Albert King sua Lucy, batizei a minha de Louise".

O próprio modo de execução de Collins surgiu de maneira bem peculiar: "Sempre procurei usar a zona mais aguda da guitarra e, como utilizo os dedos da mão direita em vez de palheta, pude logo definir um estilo particular de tocar".

Influências? "T-Bone Walker, Guitar Slim e B.B.King, porém nunca tentei tocar igual a eles."

O sucesso veio em 58, através de uma música instrumental chamada "The Freeze". Ela deu origem a várias outras de títulos similares ("Sno-Cone", "Hot'N'Cold", "Frosty"), criando a imagem "gélida" de Collins, que se estenderia até os títulos de alguns dos seus álbuns *(ver box)*. Como foi que surgiu esta onda? "Foi por volta de 67, quando fomos tocar em Corpus Christi, uma cidadezinha do Texas. Fomos de carro, e na volta estava nevando bastante. Como eu teimasse em ficar limpando a neve do vidro da frente, um tal de Cooks — que tocava baixo comigo — me apelidou de Defroster *(um aparelho descongelante de pára-brisas)*. Foi como tudo começou." E arremata: "Mas, apesar disso, não gosto de tempo frio, não... bbbrrr!"

CELSO PUCCI

GELO ESSENCIAL

Uma discografia selecionada de Albert Collins

- **THE COOL SOUND OF ALBERT COLLINS** (TCF Hall). Coletânea que reúne os números instrumentais que celebrizaram o guitarrista na virada dos anos 50 para os 60.
- **THE COMPLETE IMPERIAL RECORDINGS** (Imperial/EMI-Odeon)*. Compilação das gravações que Collins fez nos idos de 68/69, sob os auspícios e a produção de membros da Canned Heat para o selo angelino. Foram também seus primeiros registros como vocalista.
- **ICE PICKIN'** (78, Alligator). Álbum que projetou o guitarrista para um público mais amplo. Eleito o disco de blues daquele ano por diversas publicações americanas e européias, além de ter sido indicado para o Grammy.
- **FROSTBITE** (80, Alligator/Warner)*. Outro importante disco de Collins, com belos blues como "Blue Monday Hangover" e "The Highway Is Like A Woman".
- **LIVE IN JAPAN** (84, Alligator/Warner)*. Registro ao vivo que flagra o guitarrista a todo o vapor na turnê que realizou naquele ano.
- **SHOWDOWN!** (85, Alligator/Warner)*. Álbum que reúne Collins, seu colega texano Johnny Copeland e Robert Cray, em ótimos duelos.
- **THE ICE MAN** (91, Pointblank/EMI-Odeon)*. O mais recente disco do guitarrista, que demonstra todo o vigor de sua performance e de sua atual banda.

* *Lançado no Brasil*

** *Lançado no Brasil apenas em CD*

piano, mandingas e vodu

Mais de três décadas da tradição musical de Nova Orleans já passaram pelos dedos de Dr. John

Malcolm "Mac" Rebennack é uma figura ímpar. Desde meados dos anos 50, quando se tornou o primeiro branco a trabalhar como músico de estúdio no circuito de Nova Orleans, ele já acompanhava expoentes como Professor Longhair e Joe Tex, tocando piano e guitarra. Mas teve que abandoná-la e dedicar-se ao primeiro, após ter sua mão esquerda atingida por um tiro numa briga de bar, em 61.

A partir daí ele atuou como *sessionman* em diversas gravações produzidas pelo lendário Phil Spector, e em 68 assumiu a identidade de Dr. John, misturando a tradição musical *creole*, o r&b e uma imagem que mesclava psicodelia, trajes típicos de NO e misticismo vodu. Com isso, no início dos anos 70, ele começou a se projetar no cenário do rock, gravando com Mick Jagger e Eric Clapton, montando o efêmero Triumvirate (com Mike Bloomfield e John Hammond Jr.) e criando hits como "Right Place, Wrong Time" e "Such A Night".

Após esta fase áurea, Dr. John continuou a lançar discos periodicamente e a ter flertes eventuais com o rock (como sua aparição no filme-despedida do grupo The Band, *The Last Waltz*), porém sem nunca alcançar o mesmo êxito. Em 88, ele lançou o álbum *In A Sentimental Mood* (editado por aqui no ano passado). Concebido como um tributo a Ray Charles, o disco trazia um punhado de canções românticas embaladas por arranjos orquestrais, muito diferentes do seu característico estilo balançado.

"Preciso mudar cada vez que faço um disco. Vou lançar um totalmente diferente no final do ano e espero que as pessoas gostem", explica o exótico personagem, cheio de amuletos no pescoço e nas mãos, portando um bastão igualmente repleto de pendericalhos. Qual seria realmente sua ligação com o vodu? "Não sou muito religioso, mas tenho seguido a seita Gris-Gris *(aliás, o nome de seu primeiro álbum)* desde que um xamã me presenteou com um bastão como este. Coisas assim podem me dar uma força interior e se assemelham com a relação que vocês têm por aqui com a macumba".

O samba brasileiro também se relaciona com o universo sonoro de sua cidade natal, segundo Dr. John: "Apesar de conhecê-lo pouco, o ritmo parece bastante com aquele tocado nos funerais de Nova Orleans. Tem a mesma levada sincopada e muito balanço".

C.P.

RAIZ

COUNTRY FOLK BLUES

Um ano de muito agito para a música de raiz por aqui. Os belos shows de Bob Dylan e as presenças de Albert Collins e Dr. John no Free Jazz Festival serviram de consolo pela não-realização do Blues Festival em 91. Da mesma forma, discos como o acústico de Marcelo Nova *(Blackout)*, o que Christovam fez em Chicago *(The 2120 Sessions)* e o dos Blues Etílicos *(IV)* compensaram a ausência de outros lançamentos significativos no setor ● Em termos de reedições históricas, a atração maior foi a caixa *The Complete Recordings*, de Robert Johnson, que veio puxando a valiosa coleção *Roots'N'Blues*. Mas houve outros lançamentos de vulto como *The Bootleg Series*, de Bob Dylan, ou a reedição do álbum *Astral Weeks*, de Van Morrison ● Lendários *bluesmen* saíram com ótimos discos novos, como John Lee Hooker *(Mr. Lucky)*, Buddy Guy *(Damn Right, I've Got The Blues)* e Albert Collins *(The Ice Man)*, sem contar a sensacional trilha de *The Hot Spot* — reunindo John Lee Hooker, Taj Mahal e o saudoso Miles Davis ● No country, brilharam as edições nacionais de álbuns de veteranos como Neil Young *(Ragged Glory)* e Joni Mitchel *(Night Ride Home)* junto a valores mais recentes — Chris Isaak *(Heart Shaped World)* e k.d. lang *(Absolute Torch And Twang)* ● De resto, vamos esperar por mais e melhores blues em 92.

CELSO PUCCI

Lisa Lisa & Cult Jam

atingindo em cheio

A cantora Lisa Lisa e a dupla de musicos Cult Jam surgiram em 85 como um dos expoentes do *latin hip hop* — o som jovem da América hispanica, fusao de funk eletrônico com latinidade pop

Agora em seu quarto álbum, *Straight Outta Hell's Kitchen*, LL se volta tota mente para sua raiz soul (e a passou a infancia cantando em coros de igreja

Alem do lado *dance* ha espaço para belissimas baladas Um lado do disco e produzido pelos seus tradicionais aliados de estudio, o Full Force, e o outro pelo C + C Music Factory É neste ultimo que está um dos grooves mais inflamáveis do ano, "Let The Beat Hit'Em" Obedeça as instruçoes e se acabe *C R*

na praia de Marlboro

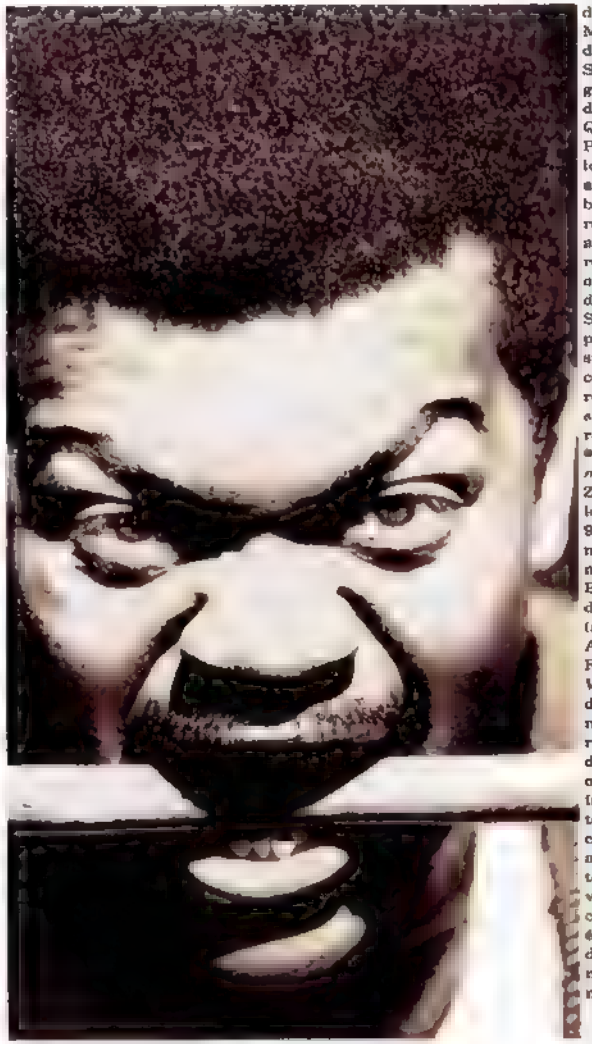
Um dos participantes do *Funk Brasil*, o cantor *Abdullah* lança seu LP solo, reciclando o som Miami Bass, o charm e Soul II Soul

Abdullah, 29 anos, vem de S. Gonçalo. Periferia da periferia do Rio (encostada em Niterói no outro lado da baía de Guanabara) e um dos centros do ataque soul-funk-disco-dance-charm carioca

Entre 81/82, o entao Agnaldo Figueiredo estava num grupo de dançarinos de break, em plena febre entorta ossos. Conheceu em seguida o DJ Marlboro, que pilotava um programa na rádio Tropical (compartilhada sem traumas por sambistas e funkeiros). No final da década ele seria um dos intérpretes do álbum *Funk Brasil*, em duas versoes do 2 Live Crew: "Melô Da Mulher Feia" ("Doo Wah Diddy") e "Melô Dos Números" ("One And One"). E o sucesso deste trabalho acabou carimbando o passaporte para o LP solo *Abdullah*

Ele define como "cibernética" a sua receita sonora, pilotada ao lado de Marlboro e Humberto Mello. A troica apertou teclas e botoes e programou. Nos samples, de Lisa Stansfield ao OK ("um grupo tipo Oingo Boingo", explica Abdullah ao Miami man Anthony Thomas.

"Your Love", em levada mais dance do que na versao original do grupo Outfield, caiu no gosto do Grande Rio e ameaça se espalhar O album ainda tem mais munição, caminhando entre o funk, o charm e o padrão Soul II Soul, sem esquecer das melôs que abusam do duplo sentido. Ou, em bom carioquês, da baixaria — termo que, por sinal, serve como tradução para outra das influências de Abdullah, o Miami bass sound *A C M*



PULSO

REGGAE
WORLD BEAT

O supra-sumo do ano "Hoje é difícil criar algo novo, mas é possível mudar sonoridades", diz Margareth Menezes a Pedro Só na BIZZ de maio. Seu *Kindala* (Mango/PolyGram) é o álbum de world music do ano Quando as pessoas em Porto Príncipe, Los Angeles e Glasgow acham que a contribuição da baiana é bacana, o mundo melhorou um pouco. Melhor ainda neste disco Margareth, Lazzo, Jimmy Cliff e outros mudaram sonoridades juntos. Kingston-Salvador ● No ano que passou, Elba Ramalho fez sucesso em Nova York com seu show verde-amarelo, Marias Monte com a sua beleza. Lazzo é a esperança para o ano que vem ● Em reggae o LP *Jahmekya* (Virgin/Odeon) do Ziggy Marley & The Melody Makers é o mais de 91: mais vocal suave, mais riddim profundo e mais letra com mensagem Benetton. Dá uma idéia do cenário 91: dancehall (ainda) reina ● Previsões A mais óbvia é ECO 92 RJ A menos é o LP *Bororo Vive* (Idéia Livre). Sonoridades antigas para índio, mas novidade no vinil Será que rola em CD? Versão dub? Cantos fúnebres para o mundo Permutação Hip-índio ano que vem ● "Não tem outra. Nós estamos confusos com o que está acontecendo", diz DJ Renato Lopes, ex-Que Fim Levou Robin? De dica em dica, gerações de amor ainda é a mensagem. Pulso acredita numa idéia central, numa aldeia global. Chame Oxalá pro ano que vem'

JAH WARDO
JOÃO MONTANHA

LEGIÃO URBANA

LANÇAMENTO

LP, CD E K7.

Esquisitos pero Populares

Não é mole compreender uma banda que, no auge de sua popularidade, lança (com uma cover de Gaúcho da Fronteira!) um álbum que é quase de rock progressivo Não, é preciso um gaúcho roqueiro que só tenha visto um show dos Engenheiros do Hawaii na vida — justamente o primeiro

Foto: Dino Zelo

Foto Diogo Zelis Azul

Foi por acaso, numa noite vadia de Porto Alegre, lá por meados da década de 80, que — já com o cérebro entorpecido — fui parar no show de estréia de uma banda nova, chamada Engenheiros Do Hawaii.

O show acontecia no Teatro da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, antigo reduto da contracultura nos anos 60/70 e entregue às moscas desde os tempos mais escabrosos da ditadura.

Foi nesse teatro que, na década de 70, formou-se uma geração de artistas que estava sendo negada pela nova leva de grupos de rock local. A essa geração era atribuída a culpa pelo marasmo a que a vida musical da cidade tinha sido relegada. Ninguém queria mais saber de cabeludos cantando MPB. A onda era punk, new wave, tecnopop.

Os Engenheiros faziam um show em que entremeavam roquinhos com uma boa dose de ska (como faziam os Paralamas Do Sucesso, de olho no Police), jingles e vinhetas publicitárias. Confesso que não entendi a que vinham aqueles caras com seu som entre o brega, o moderninho e o retrógrado.

Poucos dias depois começava a tocar numa rádio "Sopa De Letrinhas". Virou sucesso local em pouco tempo — e motivo de controvérsia entre a turma do rock, que, de repente, via surgir do nada uns caras normais. Pior, uns caretas assumidos que conquistavam o público navegando na direção contrária das guitarras distorcidas e suposto vanguardismo que imperavam então em Porto Alegre. Estava armada a treta.

Eram os Engenheiros dizendo que os Replicantes não tinham nada a ver; o DeFalla xingando os Engenheiros de bundões. E eu mesmo, que fazia parte dessa tal "turma do novo rock", nunca mais fui ver um show deles. Mas sempre tive claro para mim que não era caso de discutir se os Engenheiros eram ou não legais. Simplesmente não faziam música para mim e ponto final.

Mesmo assim não conseguia entender que raio significavam esses caras. Até que, um dia, alguém me falou que eles tomavam café com leite toda tarde.

Verdade ou mentira, aí estava a chave. Rock, como geralmente é percebido, significa cerveja no café da manhã — e os Engenheiros eram uns caras que gostavam de café com leite. Vibravam com engrenagens e placas de trânsito. Faziam questão de buscar a perfeição através da repetição. Pô, num ambiente em que traçar as fãs é o padrão, o engenheiro-chefe se casou com sua namorada de adolescência e não vê a hora de ser pai. Suas preferências por Rush, Roger Waters e Van Morrison — caras que desenvolveram suas carreiras dentro de um círculo — atestam sua estratégia. Não é à toa que o símbolo do novo disco é uma cobra que morde o próprio rabo infinitamente.

Do primeiro para o segundo disco, os Engenheiros Do Hawaii começaram a ver com maior clareza seu caminho e viraram sucesso nacional, maior a cada ano. Agora, com *Várias Variáveis* (*leia crítica na seção Discos*), eles retomaram a trilogia iniciada com *A Revolta Dos Dândis* e *Ouça O Que Eu Digo, Não Ouça Ninguém*. Coube a mim reencontrar o trio e descobrir que sabem muito bem o que estão fazendo — e as razões usadas para criticar seu trabalho são exatamente as facetas da banda das quais eles mais se orgulham e em que mais acreditam.

Encontrei novamente três caras normais, totalmente relax frente ao sucesso e dispostos a deixar claro que o tempo amadurece as pessoas. Finalmente compreendi: as frases feitas e os clichês musicais dos Engenheiros são propostos com sinceridade ideológica e absoluta certeza.

Explica aí essa história de que vocês não iam gravar mais este ano e, de repente, aparecem com esse disco novo...

HUMBERTO Eu dei aquela entrevista para a BIZZ um dia antes das férias. Foi cada um para um canto. Ficamos quinze dias sem fazer nada e descobrimos que, se não gravássemos o disco, a gente ia parar de tocar. Engenheiros é que nem andar de bicicleta — se parar de pedalar, cai. Começei a compor um monte de músicas. Já tinha outro tanto de sobra de *O Papa É Pop*. Se não gravasse este ano, no próximo seria a maior pendenga.

Como a gente já tinha falado para a gravadora que não ia gravar, passaram nosso horário de estúdio para outra banda. Tivemos que optar por um estúdio fora da gravadora. O que acabou sendo legal.

E como foi gravar assim às pressas?

HUMBERTO Foram seis semanas, da primeira nota até desligar a mesa no fim da mixagem. Não consideramos o estúdio como um lugar para criação. Já vamos com tudo pronto. É só fotografar. Sempre foi tão difícil para um gaúcho entrar no estúdio que a gente ficou com isso. Nos sentiríamos superburgueses jogando dinheiro fora. Entrando no estúdio e ficando "vamos apertar esse botãozinho pra ver que luz acende".

Mas gravando num estúdio de alta tecnologia, como o Digital, onde vocês acabaram gravando, não ficaram tentados?

HUMBERTO Não. Isso é uma coisa que a gente definiu desde o início. Não usar tudo o que pode. O estúdio era de 48 canais e fizemos o disco em apenas 24. Só apanhamos um pouco da mesa, na produção, porque ela é toda computadorizada.

E como é que vocês dividem a produção entre os três?

HUMBERTO O Augustinho é um cara fascinado por tecnologia e botãozinho. É um cara mais frio. Eu e o Carlos, por não termos sido músicos profissionais, somos diferentes.

CARLOS O Augusto produz tudo. Quando ele grava, eu produzo ele.

HUMBERTO Eu venho com as demos e o disco mais ou menos montado na cabeça. Como vai ser a capa... O Augusto dá forma na coisa e o Carlos segura pra emoção não dançar. Ele é o mais sensitivo dos três.

CARLOS Eu chuto o saco desses caras.

Ainda na última entrevista para a BIZZ, o Humberto tinha falado que a capa já estava pronta. Ela foi mantida?

HUMBERTO Tivemos problemas com o departamento jurídico da gravadora. Encaramos a coisa diferente do resto do mundo. Quando inventamos nossas marcas, não registramos nada. Somos completamente a favor da pirataria. Da mesma forma que usamos o yin-yang dos hippies, estávamos pensando em usar os símbolos da Volkswagem, BMW, Alfa-Romeo, Mercedes Benz... Era uma coisa superpoética. Mas a realidade não é poética.

CARLOS O cara do departamento jurídico da gravadora falou que, se fosse nosso primeiro disco, eles lançavam e seguravam a onda. Mas, sendo o produto top do final de ano da BMG, se desse algum problema, a diretoria da gravadora matava ele.

HUMBERTO Acho que, se usássemos os logotipos, não ia dar problema, mas, com essa tensão, estragou a brincadeira. Era uma coisa de gurí. Um pouco de terrorismo com a mídia. Eu não vou ficar consultando advogado para fazer isso. Usam nossas coisas pra caralho e eu nunca processei ninguém por fazer isso.

CARLOS Fazem camisetas nossas aos montes e

"Tocar um instrumento é sacar tuas limitações. Bach era genial e tinha só cinco dedos em cada mao"

"Hendrix, Pelé, Syd Barret, Bob Marley e Pastorius sao pré-racionais. Falar neles estragaria a magia"

nunca ganhamos um pila (*cruzeiro*) com isso
HUMBERTO A única vez que eu bronqueei foi quando uma dessas Igrejas picaretas fez uma versao de "O Papa É Pop" Mandei o cara em cima. Não temos nada a ver com o bispo Macedo.

Voltando ao disco, ele parece remeter a *A Revolta Dos Dândis* e *Ouça O Que Eu Digo*... Tem a ver?
HUMBERTO Esse disco fecha a trilogia que começou com um disco amarelo, o *Revolta*, e um vermelho, *Ouça*... A gente pensou em fazer essa trilogia com as cores da bandeira do Rio Grande do Sul Esse é o verde Com o disco ao vivo e *O Papa É Pop*, o primeiro que autoproduzimos, não conseguimos acabar a trilogia. Só depois da primeira experiência com produçao a gente teve tranqüilidade para voltar e fechar a sequência. Por isso o símbolo do disco é a cobra mordendo o próprio rabo

Mesmo em todo disco de vocês tendo essa coisa de concerto, nessa vez eu senti isso mais forte. Foi proposital?
HUMBERTO Eu comecei a ler um monte sobre Wagner Comprei um monte de vídeos e comecei a entender como ele usava o motivo musical. O *leitmotiv*. Ele é um cara cerebral, parecido comigo. Ele usa uma forma muito conceitual, e tentei reproduzir isso num disco de música popular Pela primeira vez gravamos músicas valendo tudo, até vocal. "Descendo A Serra" e "Curta-Metragem" são três microfones espalhados pela sala e valendo tudo. Até aconteceu de pintar uns erros, mas, se tinha um lance legal, a gente manteve o erro. Quisemos mesmo fotografar a sessao. Não aquela fotografia nítida. Nos permitimos algumas borrões.
AUGUSTO Esse disco sou muito mais parecido com a banda.
HUMBERTO Esse é um papo que sempre dizemos nas entrevistas, mas agora ele é muito mais real.

Por que, depois da guinada de *O Papa É Pop*, vocês retomaram o caminho dos primeiros discos?
HUMBERTO *O Papa É Pop* foi um disco de autodefesa. Naquela época a gente estava tão cercado de cinismo que a nossa única defesa era devolver esse cinismo reprocessado. Por isso "Era Um Garoto...", por isso a bateria eletrônica, o baixo e a guitarra limpinhos. Por isso *O Papa É Pop*

No começo vocês falavam que não viriam morar no Rio de Janeiro, como as bandas de Brasília, e hoje estão aqui. O que mudou?
HUMBERTO Se a gente não viesse, a banda acabava. No Sul sempre fomos muito isolados do meio musical. Uma coisa de temperamento. A gente foi quase expulso. Não pelas bandas, mas por todo o ambiente que se criava. Não queríamos virar para o Rio Grande do Sul o que a Carmem Miranda é para o Brasil. Nas primeiras turnês, onde a gente ia, só falavam em churrasco e rock de bombacha. Não nos sentimos capazes de representar o Rio Grande do Sul Não representamos porra nenhuma. Nossas famílias estão há apenas duas gerações por lá. Não consigo nem diferenciar uma vaca de um cachorro se ele não latir
CARLOS Vaca é aquele que tem na capa do Pink Floyd... Mas para mim tanto faz morar aqui ou em Porto Alegre. A minha rotina é exatamente a mesma. Eu nunca saio de casa.
HUMBERTO Estar no Rio é como estar num hotel. Quando tenho uma semana de folga, vou para Porto Alegre ou Gramado. Só lá eu tenho parâmetros para saber o que está acontecendo

Quando a gente grava um disco, vou correndo para meu quarto olhar pela janela a mesma árvore que eu passei a adolescência olhando e ouvindo Roger Waters. Mudam as folhas, mas a árvore é a mesma.

Chamam vocês de redundantes, mas parece que ser Engenheiro Do Hawaii é isso mesmo...
CARLOS A cobra mordendo o próprio rabo
HUMBERTO Repetição é uma coisa subestimada. Acham que o mundo é como escola de samba. Todo ano um enredo novo. O que está faltando é a pessoa ir comprar um disco já sabendo o que vai ouvir. Uma coisa confiável. Aquele negócio de dar graças a Deus por a capa do Roberto Carlos sair igual à do ano passado
Tocar um instrumento tem muito a ver com isso. É sacar tuas limitações. Bach dá uma aula disso. Ele era genial e tinha apenas cinco dedos em cada mão. Com três copinhos e uma moedinha tu faz o escambau e fica difícil para outra pessoa descobrir em qual copo está a moedinha.
CARLOS Fazendo a mesma coisa a vida inteira tu chega a ser um mestre naquilo.
HUMBERTO É uma coisa meio Zen.
AUGUSTO E também fica mais fácil para as pessoas gostarem ou não do teu trabalho.

HUMBERTO Quando um cara faz uma placa de trânsito, ele não pode escrever um poema nela. A gente é a fim desse design de placa de trânsito

Essa obsessão por ordem, engrenagens, símbolos e Wagner não soa um pouco nazista?
HUMBERTO Certamente não. A gente tem um judeu na banda
CARLOS Talvez dois
AUGUSTO *No máximo* dois

No começo, vocês tinham muita coisa de ska no som. Isso dançou pela banda do Pitz?
HUMBERTO Era a única coisa que eu sabia tocar na guitarra. Tinha trios que nos davam o norte, como o Paralamas e o Police Mas isso era um fino verniz que logo saiu.
CARLOS Levamos muito tempo para ser nos mesmos nesse negócio. Naquela época havia algumas bandas em Porto Alegre, Urubu Rei, Replicantes, que ditavam a estética por lá, e achavamos que tínhamos que nos submeter A gente se achava muito menor

Tinha mesmo muita treta por lá...
CARLOS A gente se pegava muito com os Replicantes. Fazia questão de deixar bem claro que era uma oposição ao que rolava. O Engenheiros é uma banda superpessoal. Somos a mesma coisa no disco e no dia-a-dia. Não dava para acreditar que hippies tinham virado punks de uma hora para outra. Hoje em dia eu dou um puta valor aquelas bandas. Elas abriram caminho para os Engenheiros. So pudemos ser isso porque elas existiram. A gente largou de mão as provocaçoes por que não encontrou ninguem a fim de boxear Estávamos a fim de ficar discutindo anos a fio.
HUMBERTO Eu sinto falta disso Em nível nacional é mais fofoquinha e maledicencia. La era um lance mais ideológico

Mas o DeFalla continua na peleja. Até gravou uma esculhambação com "Era Um Garoto..."
HUMBERTO Acho isso genial. Saudavel
CARLOS E bom nao ficarmos muito estáveis num pedestal

Outro dia o Humberto falou que acredita em predestinação. Vocês tinham idéia, lá no começo, do que viriam a se transformar?
HUMBERTO Não. Sempre fui muito tiete de uns caras e achava que aquele era um mundo com o qual eu nao podia bem sonhar Achava que era um mundo só para deuses. A sorte é que teve a onda punk, o "faça você mesmo" Se não fosse essa reviravolta, não teríamos espaço

Eu nunca consegui entender essa fissura de vocês pelo Roger Waters. E o Syd Barrett?
HUMBERTO Jimi Hendrix, Syd Barrett e Pele sao pessoas que nao dá para falar muito. Eles são emoção pura. Quando começam a falar neles, eu saio correndo. Os caras são pre-racionais Não dá para falar, que estraga a magia. O Roger Waters é um cara muito mais comum Um genio que se pode citar Waters, Caetano e Chico Buarque sao caras verbais. Barrett, assim como Bob Marley e Jaco Pastorius sao pre-verbais. Eles têm um equilíbrio tão perfeito que não dá para analisar

E esse agito que o metal está dando no mundo do rock?
HUMBERTO Eu gosto do código do metal. So que precisa ser um pouco mais jovem de cabeça do que eu, para transar isso radicalmente. Tem que ter fé cega, e eu tenho sempre um olho de cara e outro sonhando. Uma faceta que acho um saco no metal é essa dos bons instrumentistas Eu deixo a MTV ligada, em casa, sem som Quando vejo um cara feio cantando, aumento o volume

Então tu deve adorar os Pogues, Elvis Costello e Husker Dü...
CARLOS Ratos De Porao
HUMBERTO Billy Bragg é o máximo. Não da mais para aqueles alemãezinhos de cabelos crespinhos como o Winger

E das bandas de grindcore, que são formadas por caras bem feios que não tocam bem e enchem as capas dos discos com sangue e tripas, vocês gostam?
HUMBERTO Se tu mora no Rio de Janeiro e os garis estão há vinte dias em greve, tu não consegue ouvir esses sons. A realidade aqui é muito violenta
CARLOS Violência, podridão e morte podem ser boas para os americanos. Eu moro do lado do morro e vejo tiroteio todo dia
HUMBERTO No estúdio em que a gente estava gravando tinha um poster sozinho no meio de uma sala Tapando um buraco de bala na parede

CARLOS EDUARDO MIRANDA

ELA PELA ESTRADA FORA

Seis anos depois de Brothers In Arms, *Mark Knopfler volta a falar em nome dos* DIRE STRAITS, *lançando o álbum* On Every Street

"Recomendo a fama e a fortuna para todos. Nada mais agradável do que ficar sentado à beira de uma piscina com motivos clássicos nas Bahamas, sendo entrevistado por um jornalista."

Mark Knopfler, novembro de 1980

Mais do que nunca, hoje em dia o lider dos Dire Straits pode sentir na boca o doce sabor do conselho que deu há tanto tempo. Naquela epoca seu grupo tinha só pouco mais de tres anos de vida, o estouro de "Sultans Of Swing" no seu album de estreia e a vendagem "modesta" de seu sucessor, *Communiqué* — tres milhões de copias. Uma minharia se comparada aos vinte milhões de exemplares que *Brothers In Arms* vendeu em 85, ou a quantidade que o recente *On Every Street* deve alcançar.

Desde que encerrou a excursão mundial para promover o disco anterior, Mark Knopfler parecia ter encostado os Dire Straits por um bom tempo, senão definitivamente. Depois de ter composto a trilha sonora de *The Princess Bride*, em 87, ele preferiu se dedicar a projetos alternativos como os álbuns que gravou com os Notting Hillbillies (*Missing... Presumed Having A Good Time*) e com o guitarrista Chet Atkins (*Neck And Neck*). Mas à guisa de saudade, força criativa, insistencia do publico — ou talvez para redecorar sua piscina nas Bahamas —, eis que Knopfler retorna com o sucessor de *Brothers In Arms*.

Feito sob medida para a legião de fãs que os Dire Straits arregimentaram com aquele disco, *On Every Street* traz Knopfler no comando de um combo de mais oito musicos, incluindo dois tecladistas, sax e percussão. O som, ainda que continue no estilão tradicional do grupo, foi assim reforçado para estar bem ao gosto das platéias de mais uma excursão-gigante, que deve bater a do álbum anterior. Apesar disso, Knopfler afirma que agora compõe mais espontaneamente, gosta de coisas simples e não é um perfeccionista, na entrevista que publicamos a seguir com exclusividade.

Cabe ao leitor ouvir o disco e dar — ou não — razão para o "sultão do swing".

CELSO PUCCI

Mark, ha algum tempo dava a impressao de que nunca mais teriamos outro álbum dos Dire Straits, pois você parecia desanimado com o grupo. Que tal voltar ao assunto e contar como se sentia?

So estava cansado. Em nossa ultima turnê fizemos mais de 250 shows e depois disso você não quer nem olhar um instrumento. Fiquei sem ver uma guitarra por umas tres ou quatro semanas (risos). E tambem queria fazer outras coisas. Mas foi ótimo retomar a banda depois de ter feito trabalhos difíceis como trilhas cinematográficas ou apenas relaxado gravando os álbuns com os Notting Hillbillies e Chet Atkins, porque você sempre volta com algo novo.

Vamos falar sobre a canção de abertura do álbum, "Calling Elvis", por sinal também o primeiro single que foi lançado.

A inspiração para esta música foi na verdade sugerida pelo irmão de minha mulher. Ele queria entrar em contato com ela e dizia que ligar para Lou era como tentar telefonar para Elvis. Foi o que me deu a idéia inicial. Canções surgem pelas mais variadas razões, é simples assim. Mas as pessoas dizem que uma música pode significar coisas diferentes para cada um, o que também é legal. Lembro-me que quando compus "Sultans Of Swing" um crítico me ligou perguntando se eu não percebia que a canção funcionava em diversos níveis. O que eu poderia dizer? Acho bom que "Calling Elvis" trate sobre a 'não-comunicação' de certa forma, mas também pode significar outra coisa. De fato, não é da minha conta sair por aí explicando o que ela quer dizer, pois isso a arruinaria.

Você falou da inspiração que às vezes outras pessoas te dão. Conte então se tem composto firme desde o álbum anterior.

Bem, esta é outra desvantagem de excursionar muito. Descobri que quase não dá para compor, pois depois dos shows sempre se vai beber ou qualquer coisa assim. E é preciso tempo para juntar meias-canções ou pedaços de melodias. A estrada não me permite compor adequadamente, por isso acho mais fácil fazer isso agora. Na verdade, não me sento e digo que vou escrever uma música. Tende a acontecer pela prática. Vou rabiscando um fragmento de letra, depois outro e a canção vai surgindo.

Os Dire Straits ainda são a mesma banda que nos conhecíamos ha seis anos?

O grupo está bem parecido, mas eu acrescentei Danny Cummings na percussão e Paul Franklin, dos Notting Hillbillies na *pedal steel*. Há Phil Palmer na guitarra, Chris Whitten na bateria, Chris White no saxofone, Alan Clark e Guy Fletcher nos teclados, mais John Illsley, o *baixista e membro original* e eu. Estava contando os caras outro dia e haviam nove. Um bocado de barulho.

E o relacionamento é democrático?

Penso que sim, mas a questão é de quem realmente tem algo a dizer.

E o que eles têm a dizer?

Você tem que deixar os músicos fazerem as coisas por eles mesmos. Quem vai produzir um disco e decide orientar os músicos para tocarem exatamente o que quer, não vai durar muito, não. A melhor maneira de se fazer música é deixar os instrumentistas decidirem por si próprios.

"Sempre me perguntam se sou perfeccionista. De jeito nenhum. Acho perfeccionismo um saco"

Qual é seu papel então? Você é o cantor, o guitarrista?

Com as ideias, você pode dizer "gostei disso, gostei muito disso", ou "isso é uma bosta", mas será exclusivamente sua opinião. Quero dizer que, as vezes, você pode estar errado. Este é um dos grandes trunfos da música, pode-se pegar as ideias e experimentá-las, para então se estar apto a dizer se são boas ou ruins. Não se pode estar certo sempre, mas a coisa realmente funciona porque a banda é ótima.

A maior parte deste álbum nós fizemos tocando ao vivo no estúdio. Não foi uma questão de montar uma série de canais e *overdubs*. Acho que a maior parte — ou todos — os meus discos favoritos foram gravados assim, com todo mundo tocando junto. Pode se ajustar os volumes ou as notas que se decide usar no mesmo momento. Na medida em que se acrescenta *overdubs* e se vai adicionando coisas na gravação, está se alterando o que realmente aconteceu.

Quando você gravou este álbum, decidiu deliberadamente fazê-lo bem diferente do disco anterior. Estava ciente do legado que tinha deixado para trás com ele?

Oh, você se refere ao sucesso. Não, não sinto esta pressão. Eu faço canções e as gravo. Sei que não significa muito, mas é a pura verdade. A necessidade de equiparar o sucesso comercial de *Brothers In Arms* parecia algo estabelecido, acima do fato de se tentar fazer um bom álbum. Assim como esperar um sucesso fenomenal de alguns singles para vender uma quantidade muito maior de álbuns. Mas eu nunca me sento e digo que vou compor alguns singles, não me preocupo com isso. Fiz este disco e a gravadora está dizendo que ele vai render uns seis ou sete singles. Fico feliz pelos caras, mas, quanto a mim, acho que o álbum saiu como ele deveria ter sido feito.

Mas há muitos artistas que na verdade parecem se sentir competindo com suas próprias canções anteriores a cada novo disco.

Não penso que seja assim. Quero dizer, isso acontece em que sentido? Comercialmente? Em termos de vendas? Não se pode pensar assim. Não cabe a mim dizer se agora estou criando canções melhores. Só sei que agora componho com um pouco mais de espontaneidade do que eu costumava fazer anteriormente.

Qual foi o tempo que você levou para escrever as canções que fazem parte do novo álbum?

Não sei dizer ao certo, pois algumas delas comecei a escrever há anos. Tem uma chamada "Iron Hand" que trata basicamente de um episódio conhecido como batalha de Orgreave. Era sobre uma greve de mineiros e os conflitos que ocorreram numa usina siderúrgica por volta de 83. Um dia desses, li a guma coisa num jornal sobre um inquérito que ainda investigava o caso e lembrei que tinha escrito algo sobre isso logo depois de ter acontecido. Só depois de todo esse tempo então é que fui completar a canção.

Mas, para conceber o álbum, você já apresentou seu projeto para a banda como um todo?

Bem, as canções estavam escritas. Levei os caras para o estúdio de minha casa e começamos a mapear as coisas, como se estivéssemos trabalhando com pintura. Iniciávamos com um pequeno *sketch* e íamos retocando os detalhes até completarmos todo o quadro. Mas isso não ocorreu com todas as canções. Houve casos em que estávamos gravando e mudamos inteiramente o arranjo de uma música. Como em "Fade To Black". Originalmente ela tinha um *groove* ao estilo de Chuck Berry que não estava me deixando satisfeito. Então utilizei a mesma letra, mas transformei totalmente a canção, que finalmente ficou lenta da maneira que nós a gravamos.

E como a banda é envolvida neste processo?

Bem, digamos que eu convenço as pessoas. Lentamente.

Queria te perguntar se você é perfeccionista?

Sempre me perguntam isso.

Você é perfeccionista?

De jeito nenhum. Acho os perfeccionistas um saco. Muitas vezes tenho uma faixa razoável em que coloco voz e guitarra e pronto! A melhor coisa a fazer é se guiar apenas pelo *feeling*. É uma maneira de deixar a coisa mais efetiva.

Entrevista cedida pela PolyGram

NEIL TENNANT

PAR DE ASES

West End Girls
Love Comes Quickly
Opportunities
(Let's make lots of money)
Suburbia
It's A Sin
What Have I Done To Deserve This?
Rent
Always On My Mind
Heart

Domino Dancing
Left To My Own Devices
It's Alright
So Hard
Being Boring
Where The Streets Have No Name
I Can't Stand My Eyes Off You
Jealousy
DJ Culture
Was It Worth It?

JOGO FEITO. FAÇAM SUAS APOSTAS NO MAIS NOVO SUPER LANÇAMENTO DO ANO PET SHOP BOYS. UM ALBUM COM SEUS MAIORES SUCESSOS INCLUINDO DUAS CANÇÕES INÉDITAS "DJ CULTURE" E "WHERE THE STREETS HAVE NO NAME". DISCOGRAPHY THE COMPLETE SINGLES COLLECTION O MELHOR DOS ASES DA DANCE MUSIC. QUER APOSTAR?

CHRIS LOWE

EM CD - K7 - LP

EMI

91
SCHWARZENEGGER
CHUVA
KYLE McLACHLAN
MTV
O CANIBAL
SADAM
SIMPSONS
IELTSIN
NOVELAS MEXICANAS
CHORO DA ROSANE
USIMINAS
MADONNA
KEVIN COSTNER
AYRTON SENNA
XUXA
COCAÍNA NAS BALAS
GUNS
ZÉLIA, "UMA PAIXÃO"
ECO 92
POP
CRISE
ROCK IN RIO
TOP ALBUMS
BIZZ 33

janeiro

A partir do dia 18, o Maracanã vive nove dias de música e megalomania. E o Rock In Rio II, que reúne no Maracanã um público de 750 mil pessoas para assistir a 49 shows. O saldo negativo fica por conta das três mortes registradas durante o evento. E o maior beneficiado é o Faith No More, que pega carona com o Guns e ganha o posto de revelação do festival.

fevereiro

Quincy Jones é o vencedor na entrega do Grammy. Seu LP *Back On The Block* fatura seis prêmios. Outros ganhadores: Hammer, três Grammys, e Mariah Carey dois. Na Inglaterra, um comercial coloca "Should I Stay Or Should I Go" no topo da parada e provoca um *revival* Clash EUA. Vanilla Ice completa quinze semanas no número 1 com o LP *To The Extreme*.

março

Michael Jackson renova com a Sony e consegue o maior contrato que um artista pop já assinou: potencialmente, pode chegar a um bilhão de dólares. Jackson volta a ser notícia quando aparece com Madonna na entrega do Oscar — a parceria acabará não dando certo. Esse também é o mês de *Out Of Time*, do R.E.M., que escala a parada dos EUA até o topo.

abril

A Doormania volta com força total após o lançamento de *The Doors*. O filme não alcança grande sucesso, mas tem um grande impacto sobre a nova geração de adolescentes — muitos só agora apresentados ao sexo, drogas e rock'n'roll dos anos 60, através da visão personalíssima de Oliver Stone. Durante um dos shows dos Ramones (SP) um rapaz morre, vítima de uma tesourada.

maio

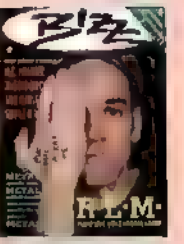
Sexo oral com garrafa, Kevin Costner, masturbação no palco: durante muito tempo, só se fala do filme *Na Cama Com Madonna*. Ela ainda ajudou dando uma entrevista explosiva à revista gay *Advocate*. Outro jovem morto em show do Sepultura na praça Charles Miller (SP). Segue-se uma saraivada de reportagens na grande imprensa responsabilizando o rock pela violência.

junho

O Skid Row entra direto no primeiro lugar da parada norte-americana com *Slave To The Grind* — feito inédito para uma banda heavy. Na semana seguinte, o Van Halen repete a façanha. Antes disso, *Efil4zoggin*, do NWA, também havia liderado a parada. Tudo isso é consequência da mudança na apuração da parada da *Billboard*, agora mais ágil e confiável.

julho

Slayer, Megadeth e Anthrax percorrem os EUA na turnê *Clash Of The Titans*. Nas paradas, a grande surpresa é o estouro do EMF, que lidera a parada norte-americana com "Unbelievable". Outra novidade é o Black Crowes, que leva o velho rock'n'roll de volta ao *Top 5*. Na Inglaterra, o grupo que inventou o tecnopop, Kraftwerk, retorna com *The Mix*.



agosto

Muitos shows por aqui: Vanilla Ice, Deep Purple e Information Society — mais uma na onda das longas turnês internacionais no Brasil. *Unforgettable*, álbum que recicla sucessos de Nat King Cole, transforma sua filha Natalie numa das preferidas do público dos EUA. E mais um heavy arrebata o número 1: Metallica.

setembro

"Losing My Religion" ganha seus prêmios para o R.E.M. no MTV Awards — incluindo o de melhor clip. O Sepultura fica com o prêmio de melhor clip brasileiro, com "Orgasmatron". Enquanto o Faith abafa em sua turnê brasileira, Axl provoca mais polêmica ao cancelar um show em St. Louis (EUA), gerando grande tumulto e um quebra-quebra generalizado.

outubro

Com *Use Your Illusion I* e *II*, o Guns consegue um feito inédito: entrar direto no primeiro e segundo lugares da parada norte-americana. Na Inglaterra, Bryan Adams estabelece um novo recorde: treze semanas em primeiro lugar para "Everything I Do...". Por aqui, os Titãs enfrentam pela primeira vez uma onda de críticas negativas com *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*.

novembro

O U2 sai à caça do trono perdido com *Achtung Baby!*, um álbum que quebra dois anos de silêncio. O público não esqueceu os irlandeses: o disco entra direto no primeiro lugar da parada norte-americana. Enquanto isso, Paul Simon faz o caminho de volta e mostra aos brasileiros o que foi que aprendeu por aqui.

dezembro

Com pelo menos dois grandes lançamentos previstos para este mês — Michael Jackson, lá fora, e Engenheiros Do Hawaii, aqui — dezembro promete ser quente. Isso sem falar no Legião até o fechamento desta edição, a data de lançamento não estava confirmada), na turnê do Cult e na expectativa pelo terceiro Hollywood Rock mas isso fica para 92.

ouça essa

"Eu beijo bem, todos me dizem isso. Mas eles não me dizem que eu sou boa em sexo oral, porque eu não sou."
Madonna

"Até hoje, eu só *beijei* mulheres. Já fantasiei transas com mulheres, mas não sou uma lésbica."
Madonna

"Não quero ser a melhor cantora ou bailarina do mundo... quero ser provocativa, quero ser política."
Madonna, no filme *Na Cama Com Madonna*

"Todo homem decente deveria experimentar o gosto da língua de outro homem pelo menos uma vez."
Madonna, à revista *Advocate*

"Eu gostaria que a MTV não existisse. Eu faço música. Eu gostaria que fosse só você e o disco."
Lenny Kravitz

"A garotada sai do nosso show dizendo: 'Me sinto muito melhor. Posso falar com minha mãe agora sem bater nela'."
Tom Araya, Slayer

"Olhe bem para nós. Não é óbvio que somos etéreos, místicos, celestiais?"
Robin Guthrie, Cocteau Twins

"Dizer 'o que eu penso dos homens é *ex tranho*' é esquisito. E que nem o Capital dizendo 'todos os lados ficam de frente'. Lulu Santos pensando que o amor era mole... Os caras estão todos virando viados."
Edu K. DeFalla

"O homem vai trabalhar, dá duro; a mulher cuida da porra da casa. O homem faz o principal para mantê-la viva. Os homens querem que as mulheres dependam deles."
James Hetfield, Metallica

"Eu não tento causar problemas. É uma coisa natural. Tenho orgulho em ser uma encrenqueira."
Sinéad O'Connor

"Os homens são todos iguais. Cheios de merda. Homens não têm culhões."
Sinéad O'Connor

"Comecei a entender como Wagner usa o motivo musical em suas composições. Ele é um cara cerebral, parecido comigo."
Humberto Gessinger

"Posar é um grande tédio para nós. Nossos robôs são muito melhores nisso, eles têm mais paciência."
Ralf Hutter, Kraftwerk

"As pessoas me perguntam onde eu adquiri gosto por móveis caros e pintura. Cara, eu costumava roubar esse tipo de coisa."
Ice-T

"Não acho que exista nenhum hit nesse disco."
Slash, sobre *Use Your Illusion I e II*

"Somos considerados a banda mais perigosa do mundo. É uma boa reputação para uma banda de rock."
Axl Rose

"Inspirado ou não, mesmo sem composição, tem que gravar. Não acho que tenha que esperar o clima, a música... Tem que sair matematicamente."
Humberto Gessinger

"Madonna não é referência, não é nada. Ela jamais me influenciou e eu já fazia sucesso antes dela."
Paula Toller

"Adoro tudo que me faz mal: feijoada, carne de porco, rango de boteco, fanta laranja. Quanto mais jesus-me-chama, melhor."
João Gordo, Ratos De Porão

"Queríamos que a coisa toda fosse vista como um manifesto anti-rock, porque as pessoas vêem shows de rock como sendo totalmente espontâneos e, claro, eles estão longe disso."
Neil Tennant, explicando o show dos Pet Shop Boys

"Seria tão fácil ser um cafajeste aqui no Brasil! Olhe todas essas meninas ávidas para tocar na gente! Sorte delas que nos temos moral e princípios..."
James Cassidy, Information Society

"Melhor música, melhores garotas, melhores drogas."
Bobby Gillespie, Primal Scream, conta por que começou a fazer *dance music*

"As letras do novo disco da Legião são bregas."
Renato Russo

"Se há uma coisa que sou, com certeza, é um lançador de tendências."
Vanilla Ice

"Vanilla Ice serve para abrir os meus shows — mas só isso."
MC Hammer

e essa

"Vou levar ao Brasil mil tabletes de ecstasy."
Shaun Ryder, Happy Mondays, em entrevista ao jornal *Folha De S. Paulo* antes do Rock In Rio II

"Não estou a fim de experimentar as prisões brasileiras. Já estive tempo demais numa cela."
O mesmo Shaun, explicando por que não cumpriu a promessa

"O George Michael cobrou o cachê mais caro e fez um show vagabundo. Eu tenho muito mais hits do que ele."
Léo Jaime

"Foi a melhor experiência que já tive em toda a minha vida."
Mike Patton, sobre o show do Faith No More no Rock In Rio II

"Todos nós fodemos um monte de garotas, tomamos um monte de drogas e nos divertimos pra caralho."
Billy Idol, descrevendo o Rock In Rio II

"Nem eu, nem ninguém na banda defende o rock'n'roll. Eu quero mais é que ele morra. Nunca gostei de rock. Acho que ele já morreu há muitos anos."
Mike Patton, Faith No More

"Quem entrar no estúdio a partir de hoje vai ter que correr atrás do padrão que estamos estabelecendo com esse disco."
Herbert Vianna, sobre *Os Grãos*

"Se o George Michael tivesse que viver a minha vida por cinco minutos, ele se enforcaria com o pedaço de corda mais próximo."
Morrissey

"Passei quatro anos e meio aprendendo a usar a minha voz, e não aprendendo como me divertir, usar calças justas ou arrumar o cabelo!"
Sebastian Bach

"Prefiro o U2 Cover ao original."
Presidente do fã-clube do U2 Cover

"Acho que, basicamente, ainda somos uma banda de bar."
Michael Stipe, R.E.M

"Não entendo essa polêmica sobre a nossa integridade, se ela está ou não intacta. Quem se importa? Somos apenas uma banda pop."
Michael Stipe

"Eu gostava do R.E.M. até ver uma foto deles."
Johnny Marr

"Se você sabe o que é bom para você, deveria sair agora mesmo e comprar todos os discos dos Stooges."
Joey Ramone

"Nosso objetivo é fazer com que o garoto saia de um show dos Ramones pensando: 'Caramba, este é o melhor show de rock'n roll que já vi em toda a minha vida'."
Joey Ramone

"Que Deus os proíba de fazer um filme sobre os Stones. Eu certamente não gostaria de assisti-lo. Espero estar morto quando acontecer."
Keith Richards

"Nossos fãs gostam de nós porque não somos estrelas. Não somos pelo glamour como o Guns N'Roses. Não agimos como deuses. Estamos nisso pela música, não por drogas, dinheiro ou mulheres."
Max Cavalera

J. Rosenberg Azis

Mark Seliger/LF

vicuca

bart

"A MTV brasileira é excelente. Você pode ver coisas estranhas, diferentes. Nos EUA é sempre a mesma merda" *Mike Patton*

Sorte nossa. A MTV daqui tem demonstrado ser permeável a tendências e artistas que não necessariamente correspondem às "prioridades" das gravadoras (i.e., *jabá*), o que é bom.

Agora, o que é ótimo mesmo é que a capacidade da MTV de "estourar" determinadas manias, sejam elas quais forem (FNM ou Baumbach, Deee Lite ou R.E.M.), pegou nossa indústria fonográfica, coitadinha, de calças curtas.

Um ano e tal de atividades, cerca de cem municípios cobertos, a MTV obriga neguinho a abrir os ouvidos e a arregaçar as mangas e o vinil. Afinal de contas, a crise econômica não pode continuar servindo de desculpa para tudo.

AS MÚSICAS MAIS CHICLETES...

"Pense Em Mim", Leandro E Leonardo
"Noite Preta", Vange
"Refrão De Bolero", Engenheiros Do Hawaii
"Ice Ice Baby", Vanilla Ice
"You've Gotta Love Someone", Elton John
"Unchained Melody", Righteous Brothers
"Lonely Is The Night", Air Supply
"Wind Of Change", Scorpions
"Gipsy Woman", Crystal Waters

...E OUTRAS QUE TOCARAM NO RÁDIO

Legião
"Trok Trok", Paralamas
"Beija Eu", Marisa Monte
"Grand Hotel", Kid Abelha
"Você Pra Mim", Fernanda Abreu
"Acontecimentos", Marina
"O Poeta Está Vivo", Barão Vermelho
"Lua Cheia", Fábio Junior
"Paixão Por Paixão", José Augusto
"Losing My Religion", R.E.M.
"Don't Cry" e "Patience", GN'R
"By My Side", Inxs
"Unbelievable", EMF
"Gonna Make You Sweat", C+C Music Factory
"3 A.M. Eternal", KLF
"Sadeness Part 1", Enigma
"Rush Rush", Paula Abdul
"Everything I Do (I Do It For You)", Bryan Adams
"Like A Virgin" (ao vivo), Madonna
"Easy", Ice MC
"Edge Of The World", Faith No More
"Freedom 90", George Michael
"I've Been Thinking About You", Londonbeat
"Games", New Kids On The Block
"Tainted Love" Soft Cell
"Being Boring", Pet Shop Boys
"18 And Life", Skid Row
"How Long", Information Society
"Something To Believe In", Poison
"Space Jungle", Adamski
"Crazy", Seal
"Crying In The Rain", A-ha
"Mary Had A Little Boy", Snap
"Do The Bartman", Simpsons
"Joyride", Roxette
"Cry For Help", Rick Astley

lenny kravitz

UMA NOVA INVASÃO BRITÂNICA?

Em 91 um fenômeno tradicional se repetiu: ingleses a torto e a direito no paradão americano. EMF e Jesus Jones ocuparam na mesma semana o primeiro ("Unbelievable") e o segundo lugar ("Right Here, Right Now").

KLF, Seal, Cathy Dennis chegaram ao *Top Ten*.Siouxsie And The Banshees chegou em 23.º — um recorde para a banda. Os improváveis Farm e Brand New Heavies alcançaram as quarenta mais. Simply Red e BAD II fizeram o mesmo no início de novembro. E até a mala do Chesney Hawkes chegou nas dez mais.

Os britânicos ajudaram a remover um pouco do tédio do listão dos EUA ao apresentar algo diferente do repetido cardápio metal-balada, swingbeat, rap e rockinho.

HIPPIES

Direto da ensolarada Califórnia para o resto do mundo, o tão previsto novo-hippismo finalmente deu as caras em 91. Timothy Leary está de volta, assim como o misticismo, o zen-budismo, as calças boca-de-sino, os cabelos compridos, a psicodelia, margaridas, tratamentos naturais. Apesar da recessão mundial — ou talvez por causa dela —, a ordem geral é relaxar.

Os novos hippies — ou yippies, ou, no Brasil, "waiters" — têm uma diferença fundamental em relação aos dos anos 60: eles querem natureza, liberdade e transcendência, mas sem abdicar dos encantos e confortos da tecnologia. Cannabis cyberpunk? Pena que Philip K. Dick não esteja mais aí para assistir a esse fim-de-século.

A bíblia destes retromodernos é uma revista dondesma, *Mondo 2000*. Eles já têm até seu próprio Jimi Hendrix, Eric Gales, que está no *Fast Forward* desta edição. E têm também seu Prince: Lenny Kravitz, que faz algo como hardsoul-funk-blues-psicodélico. Crossover, de novo — inclusive no lado pessoal: Lenny é rico, cresceu em Beverly Hills, é meio negro e meio judeu. O popstar ideal para os 90 ou um maluco de butique? Responda você.

jesus jones

DANCE

Foram de vez para o espaço em 91 as divisões tradicionais entre os gêneros pop. Essa queda dos muros ficou especialmente evidente na *dance music* — incluindo-se aí o front *aggro*, em que o hardcore-industrial-eletrônico explodiu. Nine Inch Nails, Ministry e My Life With The Thrill Kill Kult dominam a cena.

O hip hop se renovou — vide Gang Starr e A Tribe Called Quest, que recuperaram o jazz de Charlie Parker e Miles Davis para o rap — e criou seu primeiro superastro, Ice-T, que também comanda uma banda thrash.

Os exemplos de mistureba bem-sucedida são numerosos demais. Mas a história de sucesso do ano na área *dance* certamente é o onipresente C+C Music Factory. A fórmula: temperar rap moderno e suingado, uma rara sensibilidade pop e o ataque das guitarras. Crossover total... quem imaginaria um rapper conclamando "let's rock'n'roll"?

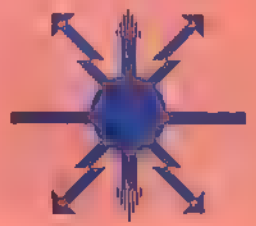
CHUVA DE SHOWS

Nunca teve tanto show internacional por aqui quanto em 91. E para a Rio Eco 92 estão falando de Madonna e Pink Floyd

Rock In Rio II ▶ Cult ▶ Paul Simon
Black Uhuru ▶ Ramones
Dread Zeppelin ▶ Vanilla Ice
Plaza ▶ Cocteau Twins ▶ Wailers
Yelowman ▶ Deep Purple
Revenge ▶ Dennis Brown
Bob Dylan ▶ Public Enemy ▶ Ice MC
Aswad ▶ Frighty & Colonel Mite
Ziggy Marley

BOATARIA

- Axl Rose morreu (ou está internado numa clínica para doentes mentais) e o resto da banda (menos Slash) vai sair
- Xuxa vai morar nos EUA/Buenos Aires (ou deixar a TV)
- O U2 vai fazer um disco *dance*
- Paula Abdul sofreu acidente grave e pode parar de dançar
- O Clash vai voltar
- Freddy Mercury está com AIDS
- Collor vai se separar



Spider

CD'S

TEMOS EM ESTOQUE

INXS — LIVE BABY LIVE
MY BLOODY VALENTINE — LOVELESS
NEIL YOUNG — WELD
URBAN DANCE SQUAD — LIFE N'PERSPECTIVES
U2 — ACHTUNG BABY
NEW MODEL ARMY — IMPURITY
RED HOT CHILI PEPPERS — BLOOD, SUGAR
TEENAGE FAN CLUB — BANDWAGONESQUE
THE CULT — CEREMONY
AGENT ORANGE — REAL LIFE SOUND
R.E.M. — LIFE'S RICH/MURMUR
R.E.M. — EPONIMOUS/DOCUMENT
ANTHRAX — ATTACK OF KILLER B'S
LOOP — HEAVENS END
ERASURE — CHORUS
3RD BASS — DERELICTS OF DIALECT
PIXIES — TROMPE LE MONDE
PIXIES — BOSSANOVA/DOOLITLE
NOVAS TENDÊNCIAS VOL II — VARIOS
THE CURE — 17 SECONDS/FAITH
JESUS & MARY CHAIN — PSYCHOCANDY/DARKLANDS
PRINCE — DIAMONDS AND PEARLS
THE SHAMEN — EN TACT
T. REX — ELECTRIC WARRIOR
THE SMITHS — STRANGEWAYS/QUEEN IS DEAD
JESUS JONES — LIQUIDIZER/DOUBT
MOTLEY CRUE — DECADE OF DECADENCE

CD SINGLES

P.M. DAWN - SET ADRIFT ON MEMORY
ERASURE — LOVE TO HATE YOU
U2 — THE FLY
PRINCE — CREAM
INXS — SHINING STAR
LUSH — NOTHING NATURAL

PEEL SESSION

THE SMITHS • DAMNED • HAPPY MONDAYS • INSPIRAL CARPETS • THE CURE • WIRE • THE JAM • PRONG

ENVIAMOS PELO SEDEX

R. Visconde de Pirajá, 281 - Slj. 212 - Ipanema - Rio
CEP 22410 - Telefax (021) 521-8040

VISITE NOSSA LOJA NO RIO

TECLE AQUI O SEU FUTURO

Cursos e Carreiras onde o micro já domina:

Comunicação Social
Moda
Turismo
Economia
Secretariado Executivo Bilíngüe
Letras
Pedagogia
Administração
Nutrição

Na Faculdade Anhembi Morumbi, cada Aluno terá seu Micro, com vários programas, para estudar mais e entrar logo no Futuro.

O Futuro esperando Você..

FACULDADE Anhembi Morumbi

21 Anos buscando o modelo ideal de Universidade do Século 21.

VESTIBULAR 92
R. Casa do Ator, 90
V. Olímpia
(011) 533-0588
(011) 241-8309

METAL

Que heavy metal vende bem não é de hoje. Mas no ano que passou a coisa foi bem mais longe que isso. Não só GN'R, FNM e tal chegaram lá. Foram justamente as modalidades mais radicais de metal que ganharam o grande público.

Atestam isso o sucesso de *Furia Metal* (o programa mais visto da MTV), Sepultura tocando no rádio e entrando nas mais pedidas, o lançamento do catálogo da SubPop em CD; o sucesso de bandas novas e barulhentas como Mucky Pup e Scatterbrain; os cabeludos em horário nobre da Globo no *Programa Legal*; e, finalmente, João Gordo dos Ratos De Porão dando entrevista para as páginas amarelas da *Veja*. No ano mais heavy metal da história recente do país, a agressividade e a distorção dominaram. Faz sentido.

CARAS NOVAS QUE NÃO DERAM EM NADA
E já vão tarde

Londonbeat
Soho
Charlatans
Cássia Eller
Warrant
Blur, Ride, Lush, Curve, Moose, Carter USM e todas as bandas inglesas com nomes curtos

O QUE DEU CERTO FORA E NÃO COLOU AQUI
Sabe que até que brasileiro tem bom gosto?

Garth Brooks
Nelson
Mariah Carey
Black Crowes
Kylie Minogue
James/Farm
Natalie Cole
Cathy Dennis
Chesney Hawkes
Amy Grant

ARROZ-DE-FESTA
Quem apareceu demais

Axl Rose
Lenny Kravitz
Vanilla Ice
Spike Lee
Madonna

AS RESSURREIÇÕES
Quem é vivo...

U2
Dire Straits
Michael Jackson
Prince
Kraftwerk

PALAVRAS AO VENTO
Slogans não faltaram — mas, como já dizia Keith Richards, *talk is cheap*

"Drogas? Tô fora"
"Nove dias de musica e paz" (Rock In Rio)
"Se você não se cuidar, a AIDS vai te pegar"
"Esporte não é droga — pratique"
Todas as camisetas do Collor
"Acredite... se quiser" (na propaganda ultracool de Jack Palance para a prefeitura de São Paulo)

ROCK'N'CINE
E no ano que vem: três filmes com Madonna

Na Cama Com Madonna
The Doors
New Jack City
Boys'N'The Hood
Young Guns II
The Commitments
Free Jack

VEXAMES
Queimar o filme é normal no Brasil. Mas tem gente que exagera

Vanilla Ice fugindo dos seguranças em São Paulo
Maggie's Dream vaiado abrindo para o Faith No More
Rosana chorando em todos os jornais
O primeiro (e único) programa da Xuxa no horario nobre
A Globo mutilando e cancelando *Twin Peaks*
A Globo colocando os Simpsons no domingo de manhã
TVLeezão, o programa de Rita Lee na MTV
A cobertura do Rock In Rio II na Globo/Os comentarios de Pedro Bial e Mauricio Kubrusly

Foto Ernesto Baldan Prod. Jaqueline Spinardou Dir. arte Garcia Moreira

cidade negra

91
MAU ANO PARA O MERCADO

Gravadoras venderam 10% mais discos do que no ano passado — mas não de rock

O balanço final ainda depende das vendas de Natal, mas mesmo as previsões mais otimistas não arriscam um crescimento acima destes 10% — em número de unidades vendidas, não em dinheiro. Não compensa muito: de 89 para 90 a queda foi de 40%

As vendas de 91 foram cerca de 48 milhões (LPs, K7s e CDs) contra 77 milhões em 89 e 44 milhões em 90. O pequeno crescimento se deve basicamente à música sertaneja, o segmento de pop-rock continuou sua queda livre, depois do *boom* de 86/87

O futuro do setor depende em parte das vendas do primeiro escalão pop-rock: os novos álbuns de Titãs, Paralamas, Legião e Engenheiros. Se estes discos não decolarem, os investimentos nesta praia provavelmente diminuirão Mas nao é o que dizem as gravadoras.

Para o diretor artístico e de marketing da EMI-Odeon, Jorge Davidson, "a crise é geral e não afeta só o setor do pop-rock. Talvez um repertório sertanejo esteja menos prejudicado, porque o Brasil 'bregueou' de vez e o seu publico é muito maior"

A Warner anunciou que vai abrir seu leque artístico. Mas, segundo seu presidente, Beto Boaventura, "sem esquecer do segmento rock"

Já a PolyGram prefere apostar em artistas que misturem mais a nossa musica com o rock. "A exemplo dos astros internacionais que têm vindo aqui beber dos nossos ritmos", conta o diretor-artístico Mayrton Bahia.

A BMG-Ariola se diz aberta aos novos — mas em 91 preferiu continuar com Lobão. Engenheiros e Cia. A única que ousou um pouco foi a Sony, lançando novos como Cidade Negra, Vange Leonel Magrellos e Falcon Man

Para 92 todos prometem continuar investindo nos novos. É esperar para crer

dançando com o inimigo

Chuck D e Flavor Flav voltam chutando o pau da barraca — e colocando pela primeira vez o PUBLIC ENEMY no alto das paradas

Apocalypse 91 The Enemy Strikes Black. Como se vê pelo nome do seu novo disco, o Public Enemy continua com a situação mundial atravessada na garganta. Mas do lado deles as notícias não são tão ruins: o disco em questão estreou em quarto lugar na parada americana, uma posição na frente do novo Prince. É a sua melhor performance até hoje nas paradas. (Leia crítica em *Discos*.)

Apocalypse é um duplo com os habituais discursos agressivos em cima de hip hop de rachar as paredes. Há uma atração especial: o sensacional encontro com o Anthrax para o *remake* de "Bring The Noise".

Às vésperas de lançar o novo disco, eles vieram ao Brasil para alguns shows em São Paulo. Visitaram favelas, andaram no meio do povo, se informaram e chegaram a uma conclusão espantosa: o Brasil vai muito mal, obrigado.

É um problema fazer rap para um público que não entende inglês?

FLAVOR FLAV É uma barreira, pois não conseguimos fazer todo mundo entender nossa mensagem. No show tentamos quebrá-la usando um tradutor.

Mas a batida da nossa música pode atingir qualquer um que não fale inglês. Ritmo é uma coisa que pode afetar até a um bebê. Se ele ouve música, logo começa a balançar.

Por que a temática dos raps do PE é sempre o questionamento sócio-político-cultural?

CHUCK D Os negros estão desunidos e queremos ajudá-los a saber quem são para fortalecê-los. A Europa foi cruel com o povo negro e sua história não foi bem contada.

FF Bem, nem todo mundo sabe que existe uma cultura da qual se deve ter consciência, um Eu interior que se deve conhecer. Não se deve esquecer do passado, pois ele é responsável pelo futuro. É bom saber o que está acontecendo no mundo agora. É bom saber quem está dirigindo o mundo. Sabendo essas coisas, você poderá aprender a lidar com diferentes situações no seu caminho.

O rap pode causar mudança?

FF Rap é outra forma de ensinar e outro processo de aprendizagem. Você sabe que pais e professores ensinam garotos, mas que muitos deles não dão ouvidos. Mas muitos desses garotos ouvem música, sacou?

O que você acha de brancos como Red Hot Chili Peppers fazendo um som negro?

FF Eu conheço esses caras pessoalmente, são grandes caras. RHCP é outro grupo que tem algo a dizer às pessoas. Assim como Led Zeppelin, Ozzy Osbourne, James Brown, Jimi Hendrix, Bob Marley, Shabba Ranks.

O que você ouve em casa?

CD Motown da fase 60 e rap.

FF Ouço todos os tipos de música: ópera, clássicos, jazz, funk. Música que a maioria das pessoas nem sabe que existe.

A imagem também tem um papel fundamental no PE. Por quê?

CD Contra-atacamos imagens com mais imagens, acreditamos no seu poder. Nossos shows e capas têm a intenção de ser visualmente excitantes.

O que você tem a dizer àqueles que detonam o rap por não usar "instrumentos de verdade"?

FF Isso é mentira. O rap se faz com instrumentos. Você não pode realmente compor música sem instrumentos. Por exemplo, na mesa de DJ, você faz *scratches*, manipula os dois toca-discos e todas essas coisas se tornam instrumentos. O sampler tem milhares de utilidades.

Como você entrou na música?

FF Durante toda a minha vida fui músico. Toco mais de onze instrumentos. Toquei durante toda a vida e também posso cantar um pouquinho.

Depois fui conhecendo Chuck D, Hank Shocklee *(seu produtor)* e o resto da rapaziada. Um dia formamos uma equipe de som chamada Spectrum City. Éramos chamados DJs móveis.

Gente nova desembarca no Brasil.

Em discos e CDs

Continental

Rock Psicodelicamente Dance

The Times
(A Creation Compilation)
Os tempos (ainda) estão mudando e esta é uma iluminada cartilha do pop extra-pós-moderno.

Keeping The Faith
(A Creation Dance Compilation)
Nada mais, nada menos do que os quatro DJs mais badalados da Inglaterra, estilos distintos, beats alucinados, groovys viajantes e ambiências singulares... impossível ficar parado.

Spin (In Motion)
Imagine os Byrds revestidos por atmosferas furã. O Soul de Sly and The Family Stone embrulhado pelas guitarras noisy do Jesus and The Mary Chain. Acrescente um pouco de torpor de Jimi Hendrix e dissolva lentamente num caldeirão das 60's (originais e revisitadas) e sirva num prato (dançando!) com muitas fumacinhas psicodélicas.

Primal Scream
(Screamadelica)
Apontado em unanimidade como a melhor banda de Pop/Dance/Rock contemporâneo.

Se você quiser ficar mais informado sobre novos lançamentos do nosso selo internacional, escreva para Continental Av. do Estado, 4667 Moóca SP cep 01515 A/C: Informações

Spectrum City Mobile DJs. Algum tempo depois fomos para o rádio e começamos a operar das universidades Adelphi e Hoss, ambas em Long Island (*perto de NY*).

Recebíamos figuras como Run DMC, LL Cool J, Beastie Boys, Fat Boys e mais uma porrada de caras que vinham nos dar uma força em nossos programas de rádio.

CD Estou no negócio faz oito anos. Comecei com o Run DMC, eles foram legais me dando uma chance. Trabalhei depois com Grandmaster Flash e estou há cinco anos com o PE.

Vocês estiveram nas favelas e viram as ruas. O que acharam do Brasil?

CD É a primeira vez que venho à América Latina. Sinto-me perto de casa, estou interessado no Brasil e quero conhecê-lo melhor. Este país tem o mesmo tamanho dos EUA e aqui há oitenta milhões de negros, enquanto lá existem apenas 25 milhões. Acho que a discriminação aqui é mais óbvia.

FF É uma vergonha que haja um monte de pessoas vivendo bem e um monte na merda. E é foda que muitas das pessoas que vivem bem não estejam realmente dando a mínima para as pessoas que estão mal. Acho isso muito errado.

O que me faz sentir bem é ver que os pobres não estão tristes. Estão sorrindo, ainda felizes e orgulhosos de quem são e trabalhando com o que tem. Não importa quanto dinheiro você tenha, por dentro é que tem de ser grande. Estas pessoas têm um forte espírito de comunidade e fico contente em ver que há casos em que o governo deu dinheiro a elas para que construíssem casas. Isso é bom, é um começo.

Como é viver nos EUA?

CD A vida de meus ancestrais e dos negros de lá não é algo para se orgulhar, mas os EUA ainda são o melhor lugar do mundo. O que precisamos é de uma fatia dele. Precisamos impor nossas próprias maneiras, conquistar nosso espaço.

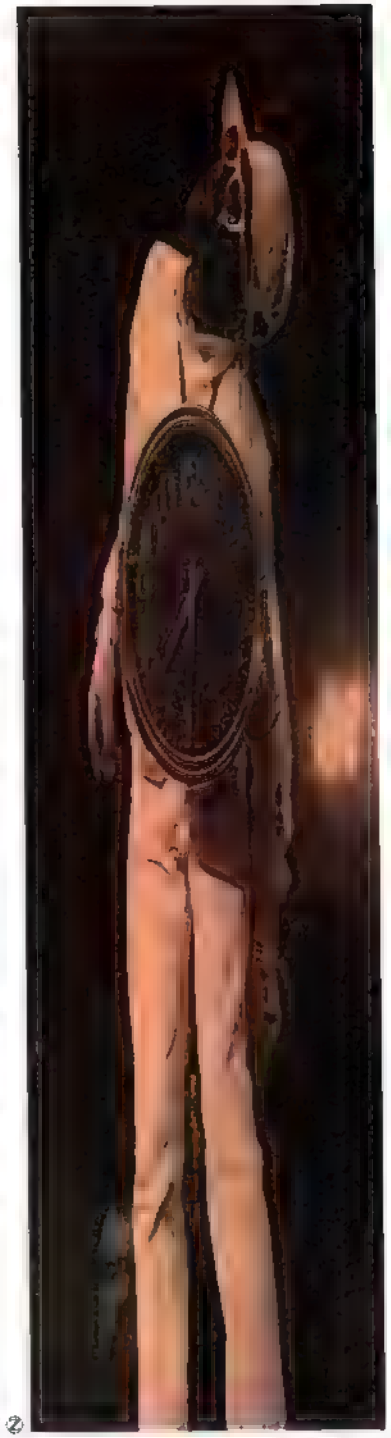
E os shows aqui?

FF Adorei os shows aqui. O público brasileiro é incrível. E eu realmente me deram uma carga de energia. Estou muito contente de estar aqui.

Vocês abriram espaço para rappers brasileiros no show. Fale sobre isso.

FF Bem, rappers brasileiros são caras que tem algo a dizer. Não só para os daqui, mas para todo mundo. E quero que todos tenham a chance que eu tive. Então, é mais do que justo que eu dê a alguém essa chance. Estou feliz pelo que fiz. Não só por isso, mas porque eles fizeram um grande trabalho também.

CHARLES MOUNTFORT ②



FALTAVA BALANÇO NAS FITAS DE ÁUDIO.

QUE FIQUE BEM GRAVADO.

PHILIPS

DANCE MUSIC

90 NASPISTAS

A dance music em 91 continuou criando e produzindo como nunca. Foi muita, mas muita coisa boa. A diferença de 90 é que houve menos crossover, quase tudo ficou restrito às pistas.

O que é bom pouco o saúde da dance. Superexposição mata: todos sabem o que aconteceu com a Discoteca. O negócio é estourar em doses homeopáticas.

"3 AM Eternal" / "Last Train To Trancentral" KLF *KLF Communications*
Palhaçada elevada a arte e alguns dos ataques rímicos mais volantes do ano. *"KLF is gonna rock you..."* Alguém anotou a chapa?

"Alright" URBAN SOUL *Cool Tempo*
Garage nova-iorquino resulte no mais melódico do ano?

"Always There" INCOGNITO feat. JOCELYN BROWN *Talkin' Loud*
Divina gritaria recuperando uma grande vocalista.

"Anasthasia" T-99 / "Night In Motion" CUBIK 22 / "Prodigy" CHARLY *XL*
O novo som da Bélgica é mais swingado, mais tecno, mais pesado e muito mais popular.

"Apparently Nothin'" YOUNG DISCIPLES *Talkin' Loud*
Em meio a tanta música nova influenciada pelo jazz/funk dos 70, esta foi a melhor.

"Dancin' Days" QUE FIM LEVOU ROBIN?
"Mexa-se" MAGRELLOS
Dance music do Brasil cresce e aparece. O QFLR mostra talento e inventividade. Já os Magrellos precisam se desvencilhar do excesso de clichês.

"Get Off" PRINCE & NPG *Paisley Park*
Chicago, NY, Londres, Milão, Bruxelas, Manchester e... opa, Minneapolis consegue se infiltrar novamente na primeira classe.

"Gonna Make You Sweat" / "Here We Go" / "Things That Make You Hmmm..." C + C MUSIC FACTORY *Columbia*
Com um álbum ultrapassando os três milhões de cópias vendidas só nos EUA, hits excelentes e remixes/produções infalíveis.

"Gypsy Woman" / "Makin' Happy" CRYSTAL WATERS *A&M*
Grude do ano? Pode ser que tenha enjoado tão fácil quanto pegou, mas continua sendo sublime. O hit seguinte manteve a qualidade.

"(I Wanna Give You) Devotion" / "Just A Groove" NOMAD *Rumour*
Alguém lembra o que aconteceu numa pista quando tocava Nomad? Devastação.

"Keep Warm" JINNY *Virgin*
"I Like It" DJH feat. STEFY *RCA*
"Move Your Body" XPANSIONS *Optimism*
A Itália contra-atacou com tudo em 91. Dá para escrever uma lista telefônica com os lançamentos.

"Let The Beat Hit 'Em" LISA LISA & CULT JAM *Columbia*
LL orientada por C + C, numa dose cavalar de chamados para a pista, com resultado muito sofisticado. Perfeição.

"Move Any Mountain" SHAMEN *One Little Indian*
"Don't Fight It, Feel It" PRIMAL SCREAM *Creation*
Indie-dance consegue ser mais do que franjinhas, 60 e batidinhas "Funky Drummer"? Às vezes, sim.

"Now Is Tomorrow" / "Hear Your Love Like Heaven" DEFINITION OF SOUND *Circa*
Só aqui Doors convive em paz com James Brown. Imagine a mistura de influências mais absurda possível. Pois o DOS vai além.

"Set Adrift On Memory Bliss" PM DAWN *Gee Street*
Quando simplicidade é igual a genialidade: um sample de Spandau Ballet, a batida de Eric B e um rap monemolente.

"Still Feel The Rain" STEX *Some Bizarre*
Este pedaço maravilhoso de soul house não ter sido hit maciço foi uma das maiores injustiças do ano.

"The Stopper" CUTTY RANKS *Profile*
"Hello Afrika" DR. ALBAN *Logic*
"Housecall" SHABBA RANKS *Epic*
O dancehall reggae — em estado puro ou cruzado com rap ou house — rendeu boas vibrações e síncopes rímicas em muitas pistas este ano.

"Temptation" CORINA *Cutting*
Onde andava o *latin hip hop*? Esta garota de Miami mostrou o como.

"Unfinished Sympathy" MASSIVE ATTACK *Wild Bunch*
Grupo do ano, álbum do ano *(Blue Lines)*, música mais bonita do ano.

"The Whistle Song" FRANKIE KNUCKLES *Virgin*
Ambientalíssimo! Depois de tanto remixar e produzir, o *godfather* finalmente volta a pôr seu talento para fazer suas próprias músicas.

E MAIS

"Anthem" N-JOI *deConstruction*
"Faith (In The Power Of Love)" ROZALLA *Pulse 8*
"Get Serious" CUT'N'MOVE *Epic*
"Got A Love For You" JOMANDA *Big Beat*
"Pop Goes The Weasel" 3RD BASS *Columbia*
"A Rollerskating Jam Named Saturdays" DE LA SOUL *Tommy Boy*
"Such A Good Feeling" BROTHERS IN RHYTHM *A&M Broadway*
"Where Love Lives" ALISON LIMERICK *Arista*

FALTAVA TALENTO NAS FITAS DE ÁUDIO.
QUE FIQUE BEM GRAVADO.
PHILIPS

PARADA

LEITORES

1 (N) *Use Your Illusion II* Guns N'Roses BMG-Ariola
2 (N) *Use Your Illusion I* Guns N'Roses BMG-Ariola
3 (2) *Out Of Time* R.E.M. Warner
4 (4) *Sepultura* Eldorado
5 (1) *Live At The Brixton Academy* Faith No More PolyGram
6 (7) *Crazy World* Scorpions PolyGram
7 (3) *The Real Thing* Faith No More PolyGram
8 (12) *GN'R Lies* Guns N'Roses BMG-Ariola
9 (15) *Skid Row* Skid Row Warner
10 (N) [illegible]
11 (5) *Mais* Marisa Monte EMI-Odeon
12 (6) *Behaviour* Pet Shop Boys EMI-Odeon
13 (R) *Blaze Of Glory* Jon Bon Jovi PolyGram
14 (N) *Schubert Dip* EMF EMI-Odeon
15 (N) *Gonna Make You Sweat* C + C Music Factory Sony
16 (10) *Appetite For Destruction* Guns N'Roses BMG-Ariola
17 (8) *The Doors* Trilha Sonora/Doors Warner
18 (18) *Beneath The Remains* Sepultura Eldorado
19 (N) *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* Titãs Warner
20 (N) *Tudo É Permitido* Kid Abelha Warner

Para a Parada dos Leitores, foram consideradas as cartas recebidas pio 18/10/91

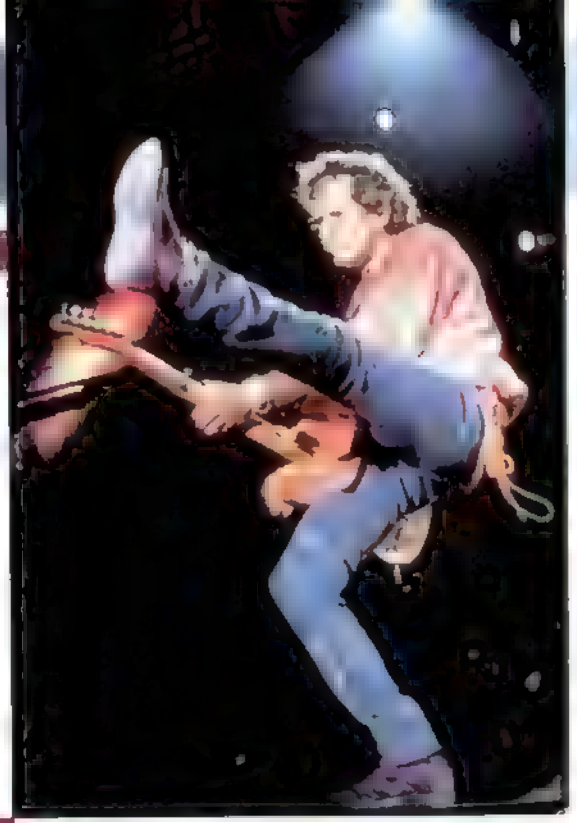
LOJAS

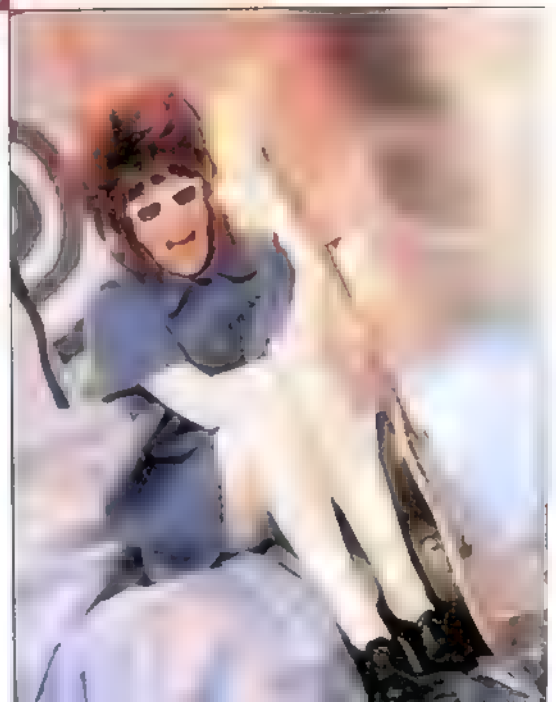
1 (1) *Use Your Illusion II* Guns N'Roses BMG-Ariola
2 (1) *Use Your Illusion I* Guns N'Roses BMG-Ariola
3 (11) *Metallica* PolyGram
4 (2) *Skid Row* Skid Row Warner
5 (N) [illegible]
6 (8) *On Every Street* Dire Straits PolyGram
7 (5) *Live At The Brixton Academy* Faith No More PolyGram
8 (7) *Bossanova* Pixies Stiletto
9 (N) *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* Titãs Warner
10 (15) *Unforgettable* Natalie Cole Warner
11 (3) *Arise* Sepultura Eldorado
12 (10) *Seal* Warner
13 (N) *Diamonds And Pearls* Prince Warner
14 (14) *Mama Said* Lenny Kravitz EMI-Odeon
15 (4) *Out Of Time* R.E.M. Warner
16 (6) *Mais* Marisa Monte EMI-Odeon
17 (13) *Here Comes Trouble* Scatterbrain Sony
18 (N) *Marina Lima* Marina PolyGram
19 (N) *Memorabilia* Soft Cell PolyGram
20 (18) *Goo* Sonic Youth BMG-Ariola

Lojas consultadas: Cambio Negro e Coqueiro Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Costho (Porto Alegre), Modern Sound, New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Temptation Discos e Jukebox (Curitiba), 320 Volts (Campinas), Barulhos Aéreo, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos (São Paulo), em 18/10/91

(N) Novidade (R) Retorno ( ) Posição anterior

Leitor! Sua participação é importante! Escreva para "BIZZ Parada Dos Leitores" Av. Nações Unidas, 5777 CEP 05479 São Paulo SP dizendo quais os discos que você comprou esse mês. Se possível, acrescente seu telefone para que voltemos a consulta-lo quando necessário





EUA

LPs

1 (N) *Use Your Illusion II* Guns N'Roses Geffen
2 (N) *Use Your Illusion I* Guns N'Roses Geffen
3 (N) *Ropin' The Wind* Garth Brooks Capitol
4 (N) *Emotions* Mariah Carey Columbia
5 (3) *Metallica* Elektra
6 (1) *Unforgettable* Natalie Cole Elektra
7 (N) *Decade Of Decadence* Motley Crue Elektra
8 (N) *Waking Up The Neighbours* Bryan Adams A&M
9 (N) *Apocalypse 91* Public Enemy Def Jam
10 (N) *Diamonds And Pearls* Prince Paisley Park

Compactos

1 (N) "Emotions" Mariah Carey Columbia
2 (N) "Do Anything" Natural Selection Eastwest
3 (N) "I Adore Mi Amor" Color Me Badd Giant
4 (N) "Good Vibrations" Marky Mark & The Funky Buch Interscope
5 (N) "Romantic" Karyn White Warner
6 (N) "Hole Hearted" Extreme A&M
7 (N) "Something To Talk About" Bonnie Raitt Capitol
8 (N) "Love Of A Lifetime" Firehouse Epic
9 (N) "Motownphilly" Boyz II Men Motown
10 (N) "Everybody Plays The Fool" Aaron Neville A&M

GB

LPs

1 (N) *Waking Up The Neighbours* Bryan Adams A&M
2 (N) *On Every Street* Dire Straits Vertigo
3 (N) *Use Your Illusion II* Guns N'Roses Geffen
4 (N) *Use Your Illusion I* Guns N'Roses Geffen
5 (N) *Stars* Simply Red eastwest
6 (N) *Diamonds And Pearls* Prince Paisley Park
7 (N) *From Time To Time* Paul Young Columbia
8 (N) *The Ultimate Collection* Marc Bolan And T.Rex Telstar
9 (N) *Simply The Best* Tina Turner Capitol
10 (N) *Trompe Le Monde* Pixies 4AD

Compactos

1 (1) "(Everything I Do) I Do It For You" Bryan Adams A&M
2 (N) "Love To Hate You" Erasure Mute
3 (N) "Let's Talk About Sex" Salt'N'Pepa ffrr
4 (N) "Wind Of Change" Scorpions Vertigo
5 (N) "Everybody's Free (To Feel Good)" Rozalla Pulse 8
6 (N) "Insanity" Oceanic Dead Dead Good
7 (N) "Peace" Sabrina Johnston eastwest
8 (N) "Saltwater" Julian Lennon Virgin
9 (N) "Something Got Me Started" Simply Red Elektra
10 (N) "Best Of You" Kenny Thomas Cooltempo

INDEPENDENTES GB

LPs

1 (N) *Trompe Le Monde* Pixies 4AD
2 (N) *Screamadelica* Primal Scream Creation
3 (N) *Wings Of Joy* Cranes Dedicated
4 (N) *Progeny* Shamen One Little Indian
5 (N) *Steady Diet Of Nothing* Fugazy Dischord
6 (N) *Just For A Day* Slowdive Creation
7 (N) *The King* Teenage Fanclub Creation
8 (N) *Every Good Boy Deserves Fudge* Mudhoney Subpop
9 (N) *Raise Screwdriver* Creation
10 (N) *Pretty On The Inside* Hole City Slang

Compactos

1 (N) "Teenage Whore" Hole City Slang
2 (N) "Boo Up EP" Boo Radleys Rough Trade
3 (N) "Such A Feeling" Bizarre Inc. Vinyl Solution
4 (N) "One Way" Levellers Chaos
5 (N) "Missing The Moon" The Field Mice Sarah
6 (N) "Beltram EP" Joey Beltram R&S/Outer Rhythm
7 (N) "The House Is Mine" Hypnotist Rising High
8 (N) "Love To Hate You" Erasure Mute
9 (N) "Feel Every Beat" Electronic Factory
10 (N) "Besmerised" Chapterhouse Dedicated

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), de 21/09/91 a 19/10/91. Melody Maker e New Musical Express (GB), de 14/09/91 a 12/10/91

FALTAVA FÚRIA NAS FITAS DE ÁUDIO.

QUE FIQUE BEM GRAVADO.

PHILIPS

easy beats

Baseados em Sidney, Australia, os imigrantes holandeses Dick Diamonde e Harry Vanda, os ingleses Stevie Wright e Snowy Fleet e o escocês George Young formaram o principal grupo beat surgido fora da Inglaterra. É criador de mais perfeito, vivaz e puro beat-pop que se conhece.

A *easyfever*, adulação histérica pelos Easybeats, mudou a cara musical da Austrália, formando o embrião do moderno rock australiano que até hoje nos surpreende.

No final de 64, ainda sem gravar, os Easybeats já eram considerados o grupo australiano mais popular da nova geração. Contratados por Ted Albert, produtor e empresário, começaram editando discos em março de 65, em poucos meses nem sequer podiam circular sem escolta policial.

Wright, Vanda e Young compondo juntos, separados ou em duplas revelaram-se prolíficos a ponto de dispensar material alheio. O excesso não comprometeu a qualidade, pelo contrário, revelou o maior *team* de compositores desde Leiber & Stoller: a dupla Vanda & Young.

No final de 65, Albert levou-os à Inglaterra, onde os contatos com Brian Epstein e George Martin facilitaram um bom contrato com a UA. A gravadora designou para eles um produtor conceituado, Shel Talmy (Kinks, Who etc.).

Talmy produziu com os Easys canções suficientes para o primeiro LP inglês, entre elas os hits "Made My Bed", "Who'll Be The One" e a incrível "Friday On My Mind", que se transformou num dos grandes clássicos da história do rock.

Chocados, porém, com a frieza de Talmy, os Easys romperam com ele, "dedicando-lhe" a canção "Do You Have A Soul?".

De volta à Austrália, na sequência do hit mundial "Friday On My Mind", foram surpreendidos pela tragédia: a esposa de Vanda, obrigada a viver escondida e pressionada, suicidou-se em julho de 66, bem no auge da [illegible].

Fleet, também casado, apavorado com a sua própria situação familiar, deixou o grupo meses depois, acabando com boa parte do carisma da banda.

Substituindo-o por Tony Cahill, os Easys partiram para uma desgastante turnê americana. O segundo disco gravado na Inglaterra, produzido por Young, Vanda e Glynn Johns, teve seu lançamento cancelado devido a disputas entre gravadoras. No final de 67, nada menos que cinco selos diferentes reclamavam direitos exclusivos sobre as obras produzidas.

Em 70, depois de dois anos e desiludidos finalmente se separaram.

Vanda e Young, porém, permaneceram juntos, lançando entre outros John Miles e AC DC, além de projetos pessoais como Flash & The Pan. Diamonde [illegible] para a Holanda. Cahill seguiu [illegible] em diversos grupos, assim como Wright, que iniciou uma carreira [illegible] cantor com relativo sucesso.

Fleet tornou-se construtor [illegible] veio a falecer em meados dos anos 70. Frase de George Young: "Éramos uma banda de rock'n'roll e aí veio aquela coisa de *flower power* que nos matou". Na contracapa do primeiro disco americano, os Easys aparecem segurando flores.

RENE FERRO

DISCOGRAFIA SELECIONADA

***Friday On My Mind* (WRC, 67)**
***The Shame Just Drained* (Albert, 77)**
***Absolute Antology* (EMI/Albert, 80)**

Os selos e as datas de lançamento se referem às edições australianas. *Friday...* é o primeiro LP lançado na Inglaterra (como *Good Friday*). *Absolute* compila material editado na Austrália em 65-66 e material posterior. *Shame* é um LP com catorze faixas inéditas. No Brasil foram editados *Friday...* e mais dois compactos, pela UA/Copacabana.

FALTAVA ESTA MARCA NAS FITAS DE ÁUDIO.

SOM, REPRODUÇÃO, FIDELIDADE, EM TODOS OS GÊNEROS, EM TODOS OS GRAUS, JAZZ, ROCK, SAMBA CANÇÃO, TODAS AS CANÇÕES E TODOS OS RITMOS, GRAVES E AGUDOS COMBINANDO SENSIBILIDADE E TECNOLOGIA DEIXANDO DE LADO A POESIA. AFIRMAMOS E VOCÊ SABE: FALTAVA UMA FITA DE ÁUDIO QUE TRADUZISSE ESTA EMOÇÃO.
FALTAVA. NÃO FALTA MAIS. A PHILIPS ESTÁ LANÇANDO SUA FITA CASSETE HI 60. PHILIPS QUE FIQUE BEM GRAVADO.

QUE FIQUE BEM GRAVADO.

PHILIPS

AO VIVO

MONSTERS OF ROCK
(Castle Donnington)

É meio-dia. Na tenda da MTV, alguns jornalistas concorrem ao troféu "quem faz a pergunta mais idiota ao Queensryche". O dia está ensolarado, mas o vento quase derruba as barracas e guarda-sóis da área de hospitalidade.

Quem tem sorte ou bons contatos, ou um bom motivo para estar aqui — como trabalho —, tem o famoso passe amarelo VIP e pode freqüentar a área reservada às bandas. O pessoal do passe verde — jornalistas e convidados — passeia pelo gramado: velhos rockers, perúas de minissaia e salto alto (apropriadíssimos para a ocasião) e executivos das gravadoras, vestidos com suas amostras grátis — camiseta da MTV, óculos escuros do Marillion e assim por diante.

Apesar de as bandas desse 11º Castle Donnington darem de dez a zero no glam rock falido do ano passado (Whitesnake, Poison, Quireboys), a empolgação aqui atrás é bem menor. Talvez seja a falta de celebridades. Fora membros do Almighty, Wonder Stuff e Marillion, a pessoa mais famosa é Tommy Iommi, do Black Sabbath. Só que ninguém o reconhece.

Lá fora, a molecada é que sabe a maneira certa de enfrentar a maratona metálica: jeans, botas, camisetas e muitos galões de cidra voando pelo ar. Um folheto me informa que o palco de 91 é o maior jamais usado neste festival, talvez um dos maiores do mundo. No topo, dezenas de canhões esperam sua vez.

Tamanha a rapidez da ascensão dos Black Crowes que me assusto ao perceber que para sua estréia em Donnington eles serão os primeiros a enfrentar o povão. Chris Robinson, vestido de preto e dourado, está mais esquálido que nunca. Em plena luz do dia, o blues desta banda de Atlanta, Geórgia, parece totalmente errado. Só o público bem à frente do palco é que presta atenção — e isso porque não quer perder seu lugar privilegiado. Hora errada, lugar errado, banda errada.

A segunda banda do dia é o Queensryche. A área de hospitalidade de repente fica lotada. Ninguém quer ver o grupo de Seattle. Pudera: sua "preocupação" com o meio ambiente, o materialismo da sociedade americana e tal é tão falso quanto seu rock pomposo e arrastado. Alguém me diz que eles tocaram material de todos os discos. Eu não sei, não quero saber. Rock complexo e adulto? Vá catar coquinho!

E já que estamos falando disso, você quer saber o que acho do Mötley Crüe? Poderia resumir em três palavras, mas todas as três seriam impublicáveis. Como é que eles conseguem vender tantos discos? É simples: seu rock básico, sexista e ignorante é um estouro com a garotada. Pelo menos o show consegue gerar um pouco de energia, com a velha mentalidade de sexo, drogas, pizza e sexo de novo. *Sexo!* Troque de cabeleireiro, queridinho... Próximo!

Chegou a melhor banda do festival. Vestidos de preto como sempre, James, Lars, Kirk e Jason são recebidos como deuses. Já de cara eles tocam o novo hit, "Enter Sandman", e os gritos de "exit lightenter night" já justificam o preço do ingresso. Eles acabam de lançar o melhor disco de suas carreiras e sabem disso. "Seek And Destroy", "Master Of Puppets" e "One" (com som de helicóptero, tiros e tudo) são magníficas. Mas as novas, como "Sad But True" e "The Unforgiven" são mais curtas, mais diretas, mais eficientes. A coisa mais incrível é que durante o show o céu vai ficando cada vez mais preto, o vento cada vez mais forte, o ambiente cada vez mais perfeito para a música pesada e sombria. Em 91 até São Pedro está trabalhando para o Metallica.

Quando chega a vez do AC/DC, o vento está nos congelando, mas os ânimos estão fervendo. Esta banda já tocou Donnington e outros maiores muitas vezes. Sabe exatamente o que fazer: música de festival, vibrante e forte e *grande*. O AC/DC é o único grupo aqui que tem uma presença grande o suficiente para preencher este palco. As favoritas continuam sendo aquelas mesmas: "Hell's Bells" (com Brian Johnson tocando um sino enorme no meio do palco), "Whole Lotta Rosie" (Rosie é uma boneca inflável gigantesca, loira, de lingerie vermelha e muito bem-dotada), "Back In Black", "Let There Be Rock". Para quem está lá longe, duas telas mostram as acrobacias de Angus Young. A festa termina com "For Those About To Rock" é claro... e os canhões entram em ação.

No final das contas, um dia e tanto, entre fracassos e sucessos, performances patéticas e poderosas, tivemos um pouco de tudo. Menos chuva. Até 92.

ANAMARIA G. DE LEMOS

A primeira sensação é de um enorme vazio. A Hawaii (na verdade, a *disco* Hippodromo reformada) é absurdamente grande. Pista larga, teto alto, palco amplo, escadarias, video-walls, tudo *over*. É a inauguração da casa, passa da meia-noite e bem pouca gente aguarda na pista a entrada da atração da noite.

A entrada de Vange no palco só serve para agravar aquela primeira sensação. A cantora não preenche o espaço com sua banda, sua voz, sua performance, muito menos com sua popularidade. Fica claro que a escolha do lugar foi equivocada. Mas será que é só isso?

Conduzir um show inteiro com um único hit não é tarefa fácil — segundo ponto contra Vange. Não seria tão mal se o resto do repertório segurasse a onda. Se você ouviu o disco, já sabe que não segura. Depois de "Noite Preta", a seqüência de canções soa linear, repetitiva, enfadonha. As boas idéias — sim, elas existem — estão dispersas e empanadas por uma produção que achatou tudo, sem o mínimo de imaginação. No palco, uma banda medíocre.

Sem repertório e sem banda, Vange está sozinha, e sua fraca performance visual fica ainda mais em evidência. Ela não dança, não incita a platéia e não consegue transmitir energia nem mesmo aos seus colegas de palco.

É uma pena. Esperava-se que a ex-vocalista do Nau apresentasse um trabalho mais consistente. Com um timbre atípico, uma voz poderosa e uma boa dose de originalidade, Vange poderia ocupar um lugar vazio no cenário pop/rock nacional. Marina está desperdiçando as últimas fichas e Paula Toller insiste em suas composições medíocres com o Kid Abelha.

Em alguns momentos do show dá até para ter esperanças — "Por Quê?" e "Jane" são boas canções pop, e "Mil Noites Se Passaram" ganha muita força ao vivo. Enfim, quem gravou um dos hits mais grudentos de 91 pode muito bem ter fôlego para mais uma tentativa.

MARISA ADAN GIL

VANGE LEONEL
Hawaii (SP)

ICE-T
Wembley Arena (Londres)

Ice-T é a primeira verdadeira estrela do hip hop. A garotada negra se identifica com seu *gangsta rap*, os brancos se deliciam com o perigo implícito em sua música; a imprensa se alimenta de suas idéias radicais, de sua postura inteligente e articulada.

Sua excelente estréia cinematográfica em *New Jack City*, sua nova banda de heavy metal (Body Count), a participação na turnê Lollapalooza — com Jane's Addiction, Siouxsie, Nine Inch Nails e outros... Ice está por toda parte e não tem planos de desaparecer.

Para poder apreciar um show de hip hop é preciso mudar de marcha. Esqueça as luzes, gelo seco e solos de guitarra acrobáticos de um show de rock tradicional. Se o rock está brincando de guerra nas estrelas, então o rap é a guerra nas ruas, com seu palco vazio, o DJ na plataforma, os rappers com poses sérias. Solte o corpo, mas preste atenção.

Primeiro é a vez do Rhyme Syndicate, os amigos de Ice. Cada um tem o imenso palco para si durante algum tempo: Nat The Cat, Lord Finesse, Donald D, Evil E e Henry G. A música é pouco imaginativa, ninguém está dançando, e não entendo uma palavra sequer. O barulho ensurdecedor de um helicóptero anuncia a chegada do Ice-man em pessoa. Com a ajuda do Syndicate, ele enche o palco.

Desde o começo, este é um ritual exclusivamente masculino — mas até o grande líder negro Malcolm X sabia que a verdadeira revolução vira das mulheres (e basta olhar para o gênio de Queen Latifah para ver que elas estão prontas).

Enquanto isso, entre um "yo motherfucker" e outro, Ice-T nos explica que somos todos "original gangsters" por estarmos aqui. A festa finalmente começa — mas é curta. Os grandes momentos são mesmo as faixas mais sinistras como "O.G.", "Midnight" e "Ziplock". Evil E mantém música e máquinas sob controle, e Ice tem uma das melhores performances do rap de hoje. Nossa participação também é importante: os *homeboys* e *homegirls* chacoalham o corpo, agitam seus quepes e mandam ver nos apitos.

O final é mais grandioso do que qualquer um esperava: os convidados especiais no palco incluem Q-Tip do A Tribe Called Quest, um ou dois membros do De La Soul e quem diria, Afrika Bambaataa em carne e osso. Com a ajuda de alguns fãs que sobem no palco, a alegria foi completa. Lá fora, os policiais e seus cavalos, à procura de encrenca, tiveram a noite mais decepcionante de suas carreiras.

ANA MARIA G. DE LEMOS

NÃO FIQUE AÍ PARADO
VÁ NA CONTRA MÃO

Se você está de saco cheio das musiquinhas que rolam por aí, não adianta nada seguir o fluxo. Mude de rumo. Venha curtir aos domingos as melhores bandas de rock na Contra Mão.

CONTRA MÃO

R. Coelho Lisboa · 461 · prox. ao metrô Tatuapé · inf.: 941-6688

PROMOÇÃO
BIZZ
COM ESTE TICKET VOCÊ GANHA 50% DE DESCONTO NA COMPRA DO INGRESSO

BIZZ

DISCOS

O. G. ORIGINAL GANGSTER
Ice T (Sire/Warner)

APOCALYPSE 91... THE ENEMY STRIKES BLACK
Public Enemy (Def Jam/Sony)

Por que cargas d'água alguém pagaria uma fortuna por um disco duplo, para ouvir *outro cara* dizer como ele é o máximo, se veste bem e tal, come mil garotas — e tudo isso à custa do dinheiro que você paga pelo disco dele?

Não, espertinho, eu não estou falando de rap. Estou falando do Guns N'Roses. Para um crioulo f**dido até que faz sentido: se ele não bebe, não come nem nada, um outro que vá lá e faça isso, pelo menos está vingando a raça.

Portanto, questão fechada: rap negro *É* político. Tanto faz que fale de correntes de ouro, garotas, drogas ou revolução. E se fala de revolução, então, é duas vezes mais político? Não, pô. Você faltou às aulas de matemática? Sinal de *mais* com sinal de *mais* dá *menos*, lembra?

E vice-versa. É por isso que um garoto branco rico, quando ouve outro branco rico (tipo Bono ou Russo) cantando como é infeliz a vida, se sente tão bem, tão bacana por *ser coitado*.

Sou maldoso? Mau não sou eu, meu chapa, má é a vida. O Public Enemy era legal quando era encrenqueiro de fato, quando o Professor Griff (devidamente despedido) chamava os judeus para o pau. Não, não estou dizendo que sou antissemita, antibranco, antimulher (eu, hein?). Só acho que quem promete tem que cumprir.

Senão vira circo. E o Flavor Fav, definitivamente, leva jeito de palhaço — brincando com coisas sérias. Seríssimas, por exemplo, *como o preço de um álbum duplo*, sacou? O PE seria tão ou mais eficiente politicamente lançando só compactos, tipo "Fight The Power", "911" "Terrordrome"... Ou "Bring Tha Noise", que neste disco eles tocam com o Anthrax. Não dá para fazer barulho sem acordar os vizinhos, né?

Tudo bem, vamos livrar a cara do Chuck D. Ele fazendo o dueto feminista com a loura Kim Gordon, no *Goo* do Sonic Youth, é jóia. Ou o do DJ Terminator X, que fez um LP de hip hop *instrumental* que é do cacete. Mas o Public Enemy *enquanto tal* é chato — chato e inútil como quatro neguinhos fazendo coreografias nazistas com metralhadoras Uzi... de plástico. Bang.

Já o Ice-T é outra praia. Política, para ele, é convidar os ex-chapas de gueto para ver sua mansão-com-piscina-nas-colinas-de-Hollywood. Como diz o Tantão, mais engraçada que a cara dos caras só mesmo a cara dos vizinhos, vendo os trafiquinhas cair na água e nos *drinks*.

Original Gangster nem é o melhor disco de T. Perde feio para *The Iceberg* (89), feerezimo para *Power* (88) e feerezimo para o tema do filme *Colors* (tem um outro LP, anterior, que eu não tive a honra de ouvir).

Mas T é de verdade. Só que agora anda menos machista e prepotente — gozado, será que é por isso que a música dele piorou? Por via das dúvidas, montou uma banda de rock de verdade (que toca uma faixa no lado B). E se um dia ele te apontar uma Uzi, por via das dúvidas saia de frente.

ALEX ANTUNES

DIAMONDS AND PEARLS
Prince And The New Power Generation
(Paisley Park/Warner) 🖭 ◎

Existe uma certa tendência em se promover campanha contra gente que: a) é extremamente famosa e rica ha muito tempo, b) virou clichê de bom gosto na boca de gente equivocada e c) é estrela e se comporta como tal

Ultimamente Prince tem sido vítima desse bode. Ele até facilitou: *Lovesexy* era bem irregular para quem havia feito a obra-prima *Sign O'The Times* no ano anterior; a trilha de *Batman* era fraca, e *Graffiti Bridge* — um disco recebido com falta de entusiasmo e um filme massacrado — foi visto como pretensioso e megalomaníaco.

Mas *Diamonds And Pearls* é um disco excepcional. Prince ficou modesto: prestou mais atenção e se inspirou no rap e dance atual, além de ter usado muito jazz. A nova banda, New Power Generation, é nota dez. Destaques: a cantora Rosie Gaines e o vasto baterista Michael B.

Aqui ele prova o tempo todo que seu talento se presta tanto a genialidades experimentais e ousadas quanto a sublimes momentos de careteice. O melhor exemplo está nos dois singles que simultaneamente habitaram o *Top 20* americano em meados de outubro: "Gett Off" e "Cream": o primeiro aplica um revestimento metálico-industrial para um funk pesado e bizarro. E as flautas? Preste atenção e se convença de que ninguém mais grava flautas assim hoje em dia. Primeira reação: espanto. Segunda reação: pulos compulsivos. O segundo — com T. Rex para dar e vender — é um roquinho ultracareta que induz a assobios e batidas de pezinho instantâneas. Daí para mais. "Thunder" é um belo gospel recheado de guitarras heavy. Baladas para ouvir no teto olhando para o teto, como a faixa-título e "Insatiable". Uma viagem saltitante de gospel e órgãos Hammond em "Willing And Able".

Bom, são quatro lados de boa música, entrão vire-se. É um disco destinado ao sucesso. Prince mostrou serviço, chega de bode.

CAMILO ROCHA

ANIMAL HOUSE
X-Rated
(Philips/PolyGram) 🖭

Andaram alardeando por aí que este quarteto seria uma resposta carioca ao sucesso do Sepultura no mercado internacional de heavy. Tudo papo furado, que vincula de forma errada o som do grupo — cuja praia é muito mais o do hard rock — e desmerece o bom trabalho que eles vem apresentando desde o seu álbum de estréia (independente), *Shaking Like A Bad Machine*. Antes de mais nada, o lançamento de *Animal House* representa um promissor sinal de abertura que uma grande gravadora dá ao hard rock/metal brasileiro, além de registrar a sensível evolução do X-Rated: uma banda que — podem escrever — ainda vai dar muito caldo.

C.E.M.

WARM YOUR HEART
Aaron Neville
(A&M/PolyGram) 🖭 ◎

Uma pena este novo álbum de Aaron Neville ser tão meia-bomba, uma pálida sombra dos brilhantes discos dos Neville Brothers. Tendo Linda Ronstadt na co-produção, a base da banda que o acompanha com os irmãos e as participações do pianista Dr. John e do arranjador Van Dyke Parks, mesmo assim o disco soa requentado. Coincidência: as canções em que a singular voz de Aaron tem melhor expressão são as que contam com as guitarras de David Lindley ("Everybody Plays The Fool") e Ry Cooder (o gospel "I Bid You Tonight" e "It Feels Like Rain", de John Hiatt). Mas a versão de "Ave Maria" é de ouvir ajoelhado no milho.

C.P.

DIVINYLS
(Virgin/EMI-Odeon) 🖭

Depois de dois anos sem gravar este duo australiana sai com um quinto álbum recheado de sexo implícito. A masturbatriz "I Touch Myself" — cujo clip foi banido das TVs australianas e inglesas — e "If Love Was A Gun", com suspiros libidinosos no final, dão a idéia do clima. Pena que as falhas permaneçam: a bom vocal de Christina Amphlett e os boas linhas de guitarra são muitas vezes prejudicadas por uma batana para lá de convencional.

L.I.E.S.

THE MAN IS HIS OWN JACKAL
Chakal (Cogumelo)

Dicção para detonar no som. Avalanche de metal *indie* brasileiro, com fúria e sem frescura. Com a ajuda do Chakal, Wilbe (o corote) consegue finalmente capturar o Papo-Leguas em "ACME Dead End Road" — parcadona que começa com o tradicional "beep-beep". Mas tem muito mais: com o volume no talo, o instrumental quase rasga os alto-falantes, enquanto a voz de Marcelo L. faz lembrar aos vizinhos que você está acordado. Em suma, *The Man...* é um disco *thrash* temperado com funk, rock e até baião, sempre com muita manha.

C.E.M.

MARTIKA'S KITCHEN
Martika (Columbia/Sony) 🖭

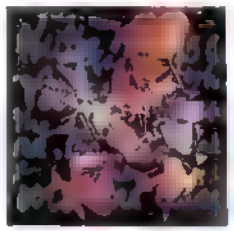
Martika é a cubana-americana que estourou com a infantil "Toy Soldiers" em 89. Agora, pos vinte anos, cai nas graças de Prince. Ele está em quatro faixas deste disco, entre as quais o melhor motivo para comprá-lo: "Love... Thy Will Be Done" — talvez a melhor balada do ano. Repare que melodia sute, que belas cítaras! Além dessa, há duas ou três boas — como "Coloured Kisses" (produzido por Chvilles e Cole). O resto é só bobagem.

C.R.

UNFORGETTABLE WITH LOVE
Natalie Cole
(Elektra/Warner) 🖭 ◎

A era de ouro e platina que a filha de Nat King Cole viveu nos anos 70 foi aos poucos se esvanecendo, sendo que ultimamente ela andava meio caidaça. Agora Natalie tenta voltar em grande estilo, reinterpretando velhos hits do pai — algo que já tentara emplacar sem sucesso em 83, num álbum que gravou com Johnny Mathis (!). Aqui, o equívoco elevo-se ao nível de superprodução, com profusão de cordas, arranjos caretíssimos e até a ressurreição (eletrônica) da voz de Nat num duelo com Natalie.

C.P.



LITTLE MAGNETS VERSUS THE BUBBLE OF BABBLE
Transvision Vamp
(MCA/BMG-Ariola) 🖭

Já foi o tempo em que bandinhas *indie* fissuradas nos *sixties*, com vocais angelicais femininos, faziam a cabeça dos roqueiros. Mas o pecado mais grave do Transvision Vamp é transformar esse som datado num veículo para o breguice da "pretendente a Madonna" Wendy James — que tenta excitar os ouvintes com sussurros melosos e letras debilóides. São coisas assim que denigrem o bom nome do pop.

M.A.G.

NO MORE TEARS
Ozzy Osbourne (Sony) 🖭

Ele é uma cara que sempre se manteve digno no cena de metal, mesmo em suas macaquices de terror infantil. Fez a cabeça de mais de uma geração à frente do Black Sabbath e hoje é fonte de referências para ídolos pop como o Faith No More. O seu som já não é mais o mesmo, mas seu novo disco — *No More Tears* — traz inventividade, bom gosto e a tranquilidade de quem sabe o que faz. Tem uma excelente qualidade de gravação, o que torna mais interessante os climas tensos e nuances que o cantor gosta de aplicar ao peso de suas músicas. Ele só exagera na baba nas três primeiras faixas do lado B, mas a variedade e tamanha que esbanja em outras compensa este detalhe.

E.O.

O DISCO DOS MISTÉRIOS OU 3 DIABOS E 1/2 OU SEXPLÍCITO VISITA O SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO OU TRIBUTO A H. ROMEU PINTO
Sexplicito (Eldorado) 🖭

É incrível como o Sexplicito (ex Sexo Explícito) conseguiu fazer um disco tão caótico e ao mesmo tempo tão conciso. As guitarras a cargo de John são absurdamente precisas e improváveis. Marrompas faz seu baixo se multiplicar com o uso (enxuto) dos pedais de efeito. Traill — o cantor e autor da maioria das letras — é um alucinado que faz mudanças radicais no tom de voz para se fazer entender. Chega próximo do Bronski Beat em "Sunshine In The Night" e "recebe" um rapido Raul Seixas em "Speak Ou Morra" ("Eu sou um dos que viu a luz/So que eu tenho um defeito/eu não falo inglês").

As músicas são pegajosas e os embalos de animar qualquer salão. Mas não do para dizer que os mineiros fizeram um disco "comercial". Eles estão mais para malucos de boa estirpe, que não hesitam em lançar um disco com um título quilométrico ou em arriscar estranhas conjunções musicais. É o caso dos teclados gelados do maleta Luis Schiavon na nova versão de "Faca", uma beleza que, se fosse interpretada por uns babacas quaisquer, já seria hit de novela das oito.

C.E.M.

BLACKOUT
Marcelo Nova (Continental)
RITA LEE EM BOSSA N'ROLL AO VIVO
Rita Lee (Som Livre) 🖭 ◎

Epa! Rock Brasil *goes acoustic*? Vai, e no bom sentido, se depender dos novos discos destas figuras carimbadíssimas — e ultimamente um tanto desacreditadas — de suas fileiras Rita Lee e Marcelo Nova.

A bossa n'roll ao vivo de Rita parece abrir uma nova fase em sua carreira, musicalmente livre do maridão e escoltada ao pelos violões e vocais de Alexandre Fontanetti. Com boa registros da turnê, realçados pelo calor do público, o disco traz momentos de brilho real. Como a releitura do clássico dos Mutantes "Ando Meio Desligado" e a versão do velho hit de Julie London, "Cry Me A River", além de tornar tragáveis canções aboleradas como "Mania De Você" e "Vírus Do Amor". Bola dentro.

Mas a goleada mesmo vem com o segundo álbum solo de Marcelo Nova, *Blackout*. Puro rock'n'roll, tocado apenas com instrumentos acústicos. Anos-luz à frente do disco de estréia sem o Camisa De Vênus ou daquele que gravou com Raul Seixas (*A Panela Do Diabo*). Comparável ao melhor da carreira do *rocker* baiano com seu antigo grupo.

Autoproduzido e contando com uma afiada banda de apoio (com a presença de André Christovam), Marcelo equilibra o lirismo de canções como "Noite" e "O Que Você Quer" com detonações como a de "Robocop" ("Meu pai não tava careta quando sangrou minha irmã. Depois me beijou na testa e me disse até amanhã"). O tributo ao velho guru surge na despojada versão de "Maluco Beleza", enquanto outros recados bem endereçados permeiam "Muito Além Do Jardim" ("Aqui ninguém vai Ra-Ta-Tá no Vietcong. Os garotos daqui não vão amar ninguém. Eles morrem de fome antes de ser alguém") e "Fogo Do Inferno" ("O calor que me consome em cada gesto ou pensamento. E do fogo do inferno e não o mormaço de Ipanema").

Palmas para a sacudida de poeira e a volta por cima da primeira-dama e do último dos moicanos do rock brazuca.

CELSO PUCCI

CASSETE ○ COMPACT DISC

CHEMAKO
(Cogumelo)

Neguinho tem que começar a desconfiar que o Sepultura não é um mero acidente geoestetico. Minas Gerais tem cultura rock, sim senhor, e não só a Cogumelo (apesar do nome datadao) desponta como o selo independente mais importante do Brasil como ainda se dá ao luxo de nao cair na obviedade *thrash*. Chemako é o power trio que concilia o inconciliável: o peso e eficiência do Cult (uma banda, no entanto, insuportavelmente *fake*) com o ataque sincero do New Model Army. *R.M.*

LOVE OVER-DUE
James Brown
(Mercury/PolyGram)

As pessoas tendem a achar que a vasta influência de JB na musica de hoje está no fato de que ele foi sampleado a rodo. Errado: isso é só uma consequência de seu status. Sua herança é a forma: envolvimento do ouvinte pela repetição e não pela melodia; ritmo socando bem à frente, com todos os instrumentos reduzidos ao minimo etc. Mas, desde o meio dos anos 70, sua produção nao representa mais nada em termos de inovação. Como o mando que foi excelente na cama por muitos anos, faz filhos lindos e depois de certa idade cansou. De vez em quando provoca alguma cócega: no caso deste disco, "Move On". *C.R.*

LOVE IS OVERDUE
Gregory Isaacs
(Heartbeat/Eldorado)
ONE BLOOD
Junior Reid (JR/Stiletto)

Com título similar ao do novo disco de James Brown, na verdade o álbum de Gregory Isaacs leva o nome de seu primeiro hit fora da Jamaica, gravado em 74. E traz mais um bom punhado de canções, em que a voz suave de Isaacs desliza esperta sobre a base rítmica, como em "The Way She Walks" e no inédito "How Long". Já o disco de Junior Reid (de 89) situa-se fora dos limites do reggae tradicional, pendendo mais para o *dancehall*. Seus maiores trunfos estão de certo na faixa-título, "A-Nuh So" e a versão de "Eleanor Rigby" (as duas últimas com a cozinha da Sly & Robbie). *C.P.*

BONITO, LINDO E JOIADO
Falcão (Continental)

O cara é uma peça rara. Um cearense que faz brega autêntico, assumido. As letras malucas ora são inocentes como os trocadilhos de Genival Lacerda, ora são esclarecidas como as de Raul Seixas. Apesar de parecer um mero gozador, Falcão tem uma ideologia demolidora. A versão em "inglês nordestino" do antigo sucesso de Waldick Soriano, "Eu Não Sou Cachorro, Não", é algo surrealista. O que dizer então das inacreditaveis "Vão-se Os Cabaços, Ficam-se Os Desgostos" e "A Cura Do Homeopata Pelo Processo Macrobiotico"? *C.E.M.*

SLINKY
Milltown Brothers
(A&M/PolyGram)

Seguindo a fascinação que as bandas de Manchester têm por aquele sonzinho ritmado de órgão dos anos 60, os Milltown Brothers (vindos de Colne, uma cidadezinha no mesmo condado) conseguem uma boa estreia com este álbum. Flertando de leve com o folk ("Apple Green") e os sons psicodelicos ("Sally Ann"), o grupo também tem como ponto curioso a voz de Matt Nelson — uma espécie de Bob Dylan com sotaque britânico. *J.J.E.S.*

CEM ANOS DE ROCK'N'ROLL
João Penca E Seus Miquinhos Amestrados (Eldorado)

Eis que o João Penca sai com um bom disco, enquanto os graonhos de canocas de plantao como Leo Jaime e Evandro Mesquita despencam (nao pude evitar) pelas tabelas. Não é para menos: o trio vocal — depois de altos e baixos — parece agora mais à vontade do que nunca em sua devoção pelo rock dos *fifties*, com versoes impagáveis como "Popa Umamo", "O Monstro" ou "Viver, Sonhar" e canções originais como "Suga-Sugo" e "O Escorpião Escarlate". Tão bem sacadas quanto a hilaria capa/encarte. *C.P.*

VÁRIAS VARIÁVEIS
Engenheiros Do Hawaii
(RCA/BMG-Ariola)

Lá pelo meio do ano, Humberto Gessinger dizia com todas as letras, em uma entrevista para a BIZZ, que este ano não tinha disco dos Engenheiros. Três meses depois, o desmentido: álbum novo em dezembro. Em tempo recorde, a banda entrou em estúdio, gravou e mixou e Humberto fez a capa e Cacá Diegues dirigiu o clip novo e o escambau. Confusionismo? Oportunismo? Falta de grana para os presentes dos sobrinhos no Natal? No mínimo, o disco deve ter saído fraquinho...

Pois que se calem as más-línguas. Recém-saídos da trip esquizofrênica em que o público e a crítica os enfiaram (Humberto diz que é isso aí, que a banda tem mesmo que ser amada ou odiada. Mas tem uma hora em que a barra pesa), os Engenheiros tiveram alta. E o disco é o atestado.

É claro que quem de-tes-ta os caras não vai dar o braço a torcer tão fácil. Eles continuam com uma boa parte de suas manias pentelhas. Como aquela fixação nas aliterações (*sampa* com *sampler*, ou o ridículo título *Várias Variáveis*). E a capa é a expressão mais terrível da estética gessingeriana, um torpedo contra o bom gosto.

Em compensação, quem ADORA os Engenheiros vai amá-los mais do que nunca. Passou a fase enfezadinha/*blasé*, que se iniciou em *Ouço O Que Eu Digo...* (88), fermentou no dispensável *Alívio Imediato* ao vivo (89) e descambou no megalomaníaco — fingindo de coitadinho — *O Papa É Pop*.

Várias Variáveis não apenas recupera a agilidade de *Longe Demais...* (86) e *A Revolta Dos Dândis* (87) com canções ganchudas/inspiradas que remetem a "Toda Forma De Poder" ou "Sopa De Letrinhas". Também transforma os Engenheiros na banda progressiva que eles sempre quiseram ser. Tem passagens instrumentais, manipulação de teipes e vozes sobrepostas, *takes* falsos e tudo. Bem tocado e bem produzido. Uma surpresa surpreendente...

ALEX ANTUNES

SURPRISE
Crystal Waters
(A&M/PolyGram)

O que interessa aqui é "la ra ri, la ri ra" (o hit-chiclete do ano, "Gypsy Woman") ou o menos conhecido — mas igualmente bom — single "Makin' Happy". Através desses hits, a onasatada Crystal e seus produtores — a dupla Basement Boys, de Baltimore — trouxeram ao ouvinte pop, pela primeira vez, o som *garage*. É uma revisitação house da *disco* melodica e cheia de soul de selos como Philadelphia Int'l e Salsoul. Seu centro produtor e consumidor é Nova York. Voltando ao *Surprise*, não traz nada tão legal quanto os hits. Mas quem não acha normal hoje em dia comprar um disco só por duas musicas? *C.R.*

CAUSE OF DEATH
Obituary
NEVER, NEVERLAND
Annihilator
(Roadracer/Eldorado)

O produtor Scott Burns — que tirou aquele sonzão do Sepultura em *Arise* — errou a mão feio neste *Cause Of Death*, fazendo com que o Obituary mostre pouco da porrada que realmente representa. A potência habitual do grupo ficou perdida entre uma bateria que é só *lock*, guitarras perdidas no espaço e a voz alta demais. Mas o som gutural do Obituary ainda assim é bem melhor que o metal bundo-mole do Annihilator. Metido e acéfalo, o som não cola nem quando o ritmo é poderoso, pois os caras teimam em embutir uns rococos para acabar com a alegria. *E.O.*

O INFERNO É FOGO
Lobão (RCA/BMG-Ariola)

Até quando vamos ter de aturar as travessuras sem graça do nosso roqueiro mais metido a rebelde? Dessa vez, Lobão passou dos limites. Músicas como "Presidente Mauricinho", "Jesus Não Tem Drogas No País Dos Caretas" e "O Inferno É Fogo" estão entre as piores coisas que ele já fez. Não são incisivas, não são irreverentes nem ao menos engraçadinhas. Nao conseguem expressar uma rebeldia adolescente, como os Engenheiros Do Hawaii, nem trazem achados poeticos, como fazia Cazuza — ao contrario, são poluidas por chavões surrados e trocadilhos infames.

É sintomático que as faixas mais aceitáveis dos seus últimos trabalhos sejam justamente as que fogem do esquema *protesto burro + heavy metal disfarçado* (suas tentativas de "samba-rock" nunca chegaram a funcionar). Aqui, as baladas "Perversa Distração" e "Lua Cheia" repetem a eficácia do hit "Chorando No Campo" — com algum esforço, dá até para ouvi-las até o fim. É mais do que se pode dizer do disco... *M.A.G.*

CEREMONY
The Cult (Beggars Banquet/PolyGram)

O vocalista chegou mesmo a anunciar o fim do Cult — ele estaria mais preocupado em salvar a música pop, através de festivais "cabeça" como o *Gathering Of The Tribes*, organizado por ele no ano passado.

Quando todo mundo já achava que nunca mais ia ter de ouvir os refrões de "Love Removal Machine", "Revolution" ou "She Sells Sanctuary", eis que Ian Astbury e Billy Duffy resolvem dar o ar da sua graça.

Ceremony é, antes de mais nada, um atestado de sobrevivência. Já se foram três anos desde que o álbum anterior, *Sonic Temple*, empurrou o Cult para dentro do rentável mercado norte-americano de metal. Três milhões de cópias vendidas e uma turnê milionária depois, o grupo mergulhou em uma crise regada a álcool, perdeu dois integrantes — Jamie Stewart, baixo, virou produtor e Matt Sorum foi para o Guns — e ameaçou acabar.

Astbury e Duffy pensaram bem, colocaram a mão na consciência (e no bolso) e decidiram voltar. Para o baixo e a bateria, recrutaram Charles Drayton (ex-Neil Young) e Mickey Curry. Ian, longe das garrafas, assumiu o controle da banda (o álbum anterior era uma tentativa confessa de Billy para alcançar o estrelato) e fez o disco do jeito que queria. Na prática, isso quer dizer: celebrações rituais, canções épico-ecologicas, baladas autobiográficas e milhões de indiozinhos à solta. A vingança de Duffy: riffs e solos de guitarra em profusão, mais alguns violõezinhos para descansar os ouvidos.

Nada disso, porém, é suficiente para diferenciá-los dos Axls, Jons e Sebastians da vida. A verdade é que, apesar do tempero exótico conferido por Astbury, o Cult não escapa de ser mais uma reciclagem do Led Zeppelin.

Tudo soa datado, repetitivo e linear. Confira as baladas "Sweet Salvation" e "Indian", feitas de encomenda para as FMs. Dá para salvar duas faixas: "Earth Mother" e "White", poderosas e climáticas — graças, em grande parte, à voz de Ian, de fazer inveja aos seus coleguinhas no gênero. *MARISA ADAN GIL*

RÁPIDO E RASTEIRO

Coloquei meu capacete de realidade virtual. O tema do jogo é "ambientes onde nasce o pop" Há só um controle — para mudar de cenário. Vamos lá... PAF! Baixo Leblon, Rio. Lá está **Orlando Morais** soando como Frejat e cantando funk/soul/rock mais dissolvido que um pacote de Tang numa piscina. É tudo do seu álbum **A ROTA DO INDIVÍDUO** (RGE). Morais com certeza acharia o máximo o pilão-funk do **Tower Of Power** em **MONSTER ON A LEASH** (Epic/Sony). Faz Simply Red parecer do gueto ● PAF! Agora são os estúdios do produtor italiano Robyx. Que oportunidade de achar todas as demos de **Ice MC** e destruí-las. Meio tarde: **THE MEGAMIX** (Discomagic/Eldorado) e **MY WORLD** (Polydor/PolyGram) já estão nas lojas oferecendo talvez a pior dance do planeta. PAF! A limusine de **MC Hammer.** Como é grande! Dez milhões de cópias de um disco e você faz qualquer coisa. Até relançar seu primeiro disco, **LET'S GET IT STARTED** (Capitol/EMI-Odeon) É ruim que dói, esqueça ● PAF! Uma mansão maravilhosa! É de **Holly Johnson,** ex-Frankie Goes To Hollywood. O que ele anda fazendo? Dance-pop bunda e datado, como no novo **DREAMS THAT MONEY CAN'T BUY** (MCA/BMG-Ariola). Tchau, Holly! PAF! Um alívio para os ouvidos e a potente voz de **Lonnie Gordon,** embora a qualidade das faixas de **IF I HAVE TO STAND ALONE** (Supreme/Stiletto)seja de altos e baixos ● PAF! Um clube de metal. No palco mais uma banda cantando em inglês, para inglês ver. São os paulistas do **SKIN TRADE** (RGE). Precisam voltar rapidinho para os ensaios na garagem... e ficar por lá. Ugo! PAF!

CAMILO ROCHA

GRAVADORA INDEPENDENTE: Cogumelo Av. Augusto de Lima, 399, Belo Horizonte (MG) (031) 226-8557

BOLSA DE DISCOS

	TUDO AO MESMO TEMPO AGORA Titãs (Warner)	OS GRÃOS Os Paralamas Do Sucesso (EMI-Odeon)	MENINOS DA RUA PAULO Ira! (Warner)	MARINA LIMA Marina (EMI-Odeon)	MASS ILLUSION Korzus (Devil)	BLACKOUT Marcelo Nova (Camerati)
ALEX ANTUNES BIZZ	Interessante	Fraco	Fraco	Razoável	Interessante	Bom
ANDRÉ FORASTIERI BIZZ	Razoável	Fraco	Fraco	Fraco	Razoável	Bom
ARTHUR G. COUTO DUARTE O Estado de Minas, MG	Interessante	Fraco	Fraco	Bom	Interessante	Bom
EVIL OTTO BIZZ	Fraco	Fraco	Fraco	Fraco	Bom	Interessante
LUIZ HENRIQUE ROMANHOLI O Globo, RJ	Bom	Interessante	Bom	Razoável	●	●
SÉRGIO SÁ LEITÃO Folha de S.Paulo	Fraco	Fraco	Razoável	Razoável	Razoável	Razoável
ZECA CAMARGO MTV	Bom	Bom	Bom	Bom	Bom	Razoável
CELSO PUCCI BIZZ	Interessante	Fraco	Razoável	Razoável	Interessante	Bom

ÓTIMO · BOM · INTERESSANTE · RAZOÁVEL · FRACO

COMPACT DISC

EXTRA! SUB POP NO BRASIL

Que tal ter acesso a discos importados do catálogo da Sub Pop ao preço do CD nacional? Muito bom, mas o curioso é que tal iniciativa não partiu de nenhuma gravadora, mas de uma loja de locação e venda de CDs: a Studio Tan.

O proprietário, Vicente Menta, foi quem entrou em contato diretamente com o selo de Seattle, elaborando um projeto no qual os discos são feitos em Nova York e trazidos para cá com os estojos. Apenas as capinhas são impressas no Brasil seguindo as concepções originais.

"Tentamos diminuir os custos ao máximo para baratear o preço do CD e vendê-lo ao preço do similar nacional. A idéia é colocar uma estampa no disco, para que não seja comercializado acima deste limite" garante Vicente. A empreitada só se tornou viável pelo apoio que a própria Sub Pop ofereceu.

Os dois lançamentos que inauguram a série são **Every Good Boy Deserves Fudge** do **MUDHONEY** e **8-Way Santa** de **TAD** (ver *Zona Franca* desta edição e da BIZZ 73, respectivamente). De início, ambos os discos têm tiragem limitada e a distribuição fica restrita ao eixo São Paulo—Rio. Mas para obtê-los de outros estados, basta contatar o Studio Tan: Al. Joaquim Eugenio de Lima, 1220 São Paulo (SP) Tel. (011) 884-9524

Mas o melhor ainda está por vir: dando seqüência a esta interação com a Sub Pop, Vicente já começou as negociações para realizar por aqui uma série de shows com bandas do *cast* da gravadora, em fevereiro do ano que vem. Além de Tad e Mudhoney, entre os nomes cogitados estão Nirvana e Soundgarden. *Noise* para tímpano nenhum botar defeito.

CELSO PUCCI

Poucas e Boas

O fino do CD, aqui e lá fora

NACIONAIS

JEFF BECK GROUP: Truth (68)/ **Beck-Ola** (69), da EMI-Odeon. Com uma superbanda que incluía a voz de Rod Stewart (nos bons tempos) e o baixo de Ron Wood, o guitarrista chegou ao auge de seu estilo psicótico neste par de discos. O primeiro deles, absolutamente essencial ● **KRAFTWERK: Autobahn** (EMI-Odeon) Clássico de 74 do grupo alemão precursor do tecno pop, puxado pela longa viagem da faixa-título ● **THE CURE: Entreat** (Fiction/PolyGram). Uma edição limitada para fãs de Bob Smith (e só para eles). Oito faixas gravadas ao vivo no Wembley Arena.

IMPORTADOS

THE BUZZCOCKS: The Buzzcocks' Best — Operator's Manual (I.R.S.) **Time's Up** (Document). A primeira coletânea dá uma geral na carreira do quarteto de Manchester em 25 faixas. Já a segunda apresenta gravações raras do período inicial do grupo, além de covers improváveis como "I Love You, Big Dummy" (Captain Beefheart) e "I Can't Control Myself" (The Troggs) ● **THE CLASH: The Clash** (77) **Black Market Clash** (80) ambos Columbia. Aqui, o peixe grande é o álbum de estréia que — ao lado de *Never Mind ...* dos Sex Pistols — deflagrou o movimento punk britânico. O segundo trata-se de uma "limpeza de arquivo", reunindo versões alternativas, material inédito e algumas covers em suas nove faixas.

C.P.

Tres anos de estrada, um album de estreia homonimo e um punhado de EPs e singles bastaram para transformar o **Mudhoney** num dos expoentes do novo e ruidoso rock de Seattle surgido sob a égide da gravadora independente Sub Pop.

Agora, **EVERY GOOD BOY DESERVES FUDGE** sedimenta definitivamente a reputação destes emeritos tomadores de cerveja e colecionadores de discos. Sao catorze faixas em que o quarteto retrabalha sua heran ça punk ("Thorn", "Who You Dr Now" mina pela zoeira instrumental "Generation Genocide" e até emula o Velvet Underground "Check Out Time". *CELSO PUCCI*

SPACED OJT (Fungus) é o novo guia para quem quer se aventurar no mundo lisergico da **Magic Mushroom Band** deve vender um bom numero de copias so pela capa. Mas é o som que mais importa uma comunhao de viagens guitarristicas, suspiros sensuais e batidas levemente sincopadas, que prometem agarrar pelos olhos até o mais radical apos ter da dita praia *freak*.

"Looking Into The Future" é um carnaval de riffs para cima e "Squatter In The House" é um copo de *acid rock* derramado em sua pista de dança predileta. Mas o maior destaque fica mesmo com "Feel So Fine" — guitarras que parecem fazer uma acupuntura na espinha. Inesquecivel. *FABIO MASSARI*

Jeffrey Lee Pierce sempre foi um pario do rock. Por anos, ele e o **Gun Club** quase chegaram lá, mas seu carater erratico e a notoria drogadicção minaram a promessa. Em 90, regenerado, o grupo lançou o confessional *Pastoral Hide & Seek* e agora da a definitiva volta por cima com **DIVINITY** pela *indie* alema What's So Funny About. Em seu bojo riffs *bluesy* em chagas, drama e a melhor canção jamais escrita por Pierce: "Sorrow Knows". *ARTHUR G COUTO DUARTE*

Na contramão do classico com o ultramoderno, o grupo inglês **Young Disciples** acaba de avançar vinte casas com seu **ROAD TO FREEDOM** ("Talkin' Loud"): dos anos 90 trazem dance, scratches, samples e rap, dos 70 oferecem soul e funk com uma ponta generosa de jazz. Tanto pode ser um dub-hip hop espacial como um jazz tradicional de bar enfumaçado. Aqui estao na medida certa sofisticaçao, ritmo, suavidade, intensidade e melodia. Faixas como "Get Yourself Together" e "Apparently Nothin'" tem de entrar na trilha de qualquer ouvido que se preze. *CAMILO ROCHA*

Nao tem reggae atual tão **Intense** o trio afro-britanico com os vocais mais macios que ja se ouviu, na melhor tradiçao de grupos vocais jamaicanos como The Maytals, Mighty Diamond, os Wailers no inicio e ate The Itals. Seu album de estreia, **LOVE & LIFE** (Ariwa) é melodioso, gostoso e cheio daqueles *riddims* que deixam você de bem com a vida. Black Steel (baixo/vocais), Robbie Rowe (vocais) e Derek Nembhard (guitarra/vocais) contaram para isso com a produção de Mad Professor, além das participaçoes do ex-Black Uhuru Michael Rose, do lendario trombonista de ska Rico Rodriguez e da cantora de *lover's rock* Sandra Cross nas harmonias vocais. Intense prova que o reggae tem futuro e que este nao se resume só a Shabba Ranks. *JAN FJELD*

Há alguns meses fui o escolhido para espinafrar o entao pessimo single "Pax Americana", do **Test Department**. Nao tinha mais esperança de ouvir algo aproveitavel daqueles que foram um dos principais criadores do chamado rock industrial na década passada. Mas a resposta veio com **PAX BRITANICA** (Jungle), orquestrações (reais ou nao), brilhantemente mescladas a industrialismo puro e corais, no melhor álbum do grupo em bons anos de trabalho. *ENEAS NETO*

O novo disco do **Nirvana**, **NEVERMIND** é o primeiro a sair por uma grande gravadora (a Geffen) mas mantem o padrão Sub Pop de produção, com a mesma sonoridade crua de *Bleach* — seu álbum de estreia pelo selo *indie*. O lado animalesco do trio é percebido nas obsessivas "Smells Like Teen Spirit" e "Territorial Pissings", mas há tambem boas canções acusticas como "Polly" e "Lithium". Detalhe: a coda ensurdecedora depois da ultima faixa do CD. *LEANDRO FORTINO*

VÍDEOS

LUTHER VANDROSS
Live At Wembley
Direção: John Smith, 1989
(90 min., hi-fi stereo, SMV)

Mr Vandross canta o típico soul suave dos 80: sofisticado e sutil para alguns, yuppesco e chato para os outros. Mas é inegável que o rapaz é muito bom na hora de mandar três ou quatro melodias legas, como "Never Too Much" e "Stop To Love". Este show em Londres é direto, tradicional e eficiente, não mais nem menos. *C.R.*

RATOS DE PORÃO
Anarkophobia
Direção: Jose Santoro, 1991.
(70 min., hi-fi, Ataque Frontal)

Normalíssimo ter um pé atrás com o buchicha em torno dos Ratos. Mas os caras são mesmo legas, talvez a mais poderosa banda do Brasil, ao vivo. O problema deste vídeo é que ele não transmite 20% do ataque do RxDxPx — o som irregular e a edição muito ruim melam clássicos como "Beber Até Morrer", "Sofrer" e "Amazônia Nunca Mais". Só para fazaços. *A.F*

VÁRIOS
Operation Rock & Roll
Direção: vários, 1991
(45 min., hi-fi stereo, SMV)

Coletânea de clips dos participantes da desastrada turnê homônima: Judas Priest, Alice Cooper, Motörhead, os *posers* Dangerous Toys e o Metal Church.

Motorhead é a porrada ao vivo de costume, em "I'm So Bad (Baby I Don't Care)" e "No Voices In The Sky". O Judas é meio histérico em "Painkiller" e definitivamente chato em "A Touch Of Evil". A performance *live* morna de "Million Dollar Babies" é parcialmente compensada por Alice Cooper com "Hey Stoopid", musica duvidosa mas dip duca. Toys, *no comments*. A única surpresa razu é "Date With Poverty", um Metal Church honesto. *A.A.*

ROBERTO CARLOS
Em Ritmo De Aventura
(90 mn., 1968, SMV)
Roberto Carlos E O Diamante Cor De Rosa
(97 mn., 1970, SMV)
A 300 Km Por Hora
(92 mn., 1971, SMV)

Perolas iê-iê-iê. Inspirado nos filmes desenvolados que Richard Lester fazia com os Beatles e nas aventuras de James Bond, Roberto Farias dirigiu esta surpreendente trilogia pop.

Legas mesmo são os roquinhos e as baladas do *brasa* Roberto Carlos, antes de atingir o status brega de Rei. Em *Ritmo De Aventura* ele tem de fugir de um agente vilão (o maravilhoso canastrão José Lewgoy) que quer seqüestra-lo, junto com Frank Sinatra, os Beatles e Johnny Halliday (!), para que um computador se aproprie de suas canções...

É o filme mais *nonsense* e o que traz mais canções, treze, incluindo "Eu Sou Terrível", "Por Isso Corro Demais", "Negro Gato", "Garota Papo Firme", "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno" e "Namoradinha De Um Amigo Meu". Um clipão, filmado em São Paulo, Rio e Nova York.

Diamante Cor De Rosa tem mais ação do que canções: oito. Em compensação, tem a *tremendão* Erasmo Carlos e a *tremendona* Wanderléa fugindo do mesmo vilão em locações no Japão, Israel, Grécia e Rio. Uma superprodução com um roteiro barra-limpa e uma trilha sonora bacana de Luiz Carlos Sá, costurando "As Curvas Da Estrada De Santos", "Você Vai Ser Meu Escândalo" (com Wanderléa), "Vou Ficar Nua Pra Chamar Tua Atenção" (do Erasmo) e ate "Tuareg", de Jorge Ben, na voz de Gal Costa. Coca legal.

O mais fraco é *A 300 Km Por Hora*, em que Roberto já não é Roberto, mas Lalo, um mecânico pobre e melancólico, piloto em Interlagos nas horas vagas. É aí que Erasmo, com sua atuação surpreendente e alegre, rouba o filme, além de compor duas instrumentais: "Todos Estão Surdos" e "Masculino E Feminino". Roberto canta "De Tanto Amor" e "Meu Amigo Volte Logo".

Passados todos esses anos, vale a pena ter os três. Pelo menos os dois primeiros são fortes candidatos a *cult*, mora? *WALTER DE SILVA*

IMPORTADOS

STING *The Soul Cages (EUA, 1991, PolyGram)* Parece que o *bró* do Raoni finalmente descobriu quão pretensosa é vã tem sido sua carreira solo, em comparação com a talentosa concisão do Police. Pelo menos é o que dá a entender esta performance registrada em maio, na Holanda. De volta ao baixo, com a banda reduzida a quarteto e dispensada daquelas incursões pseudo-jazzísticas, Sting combina, o melhor possível, material recente e os hits de seu antigo grupo *A.A.*

FEZ SUCESSO,

ESTÁ EM FAMA.

NAS BANCAS.

PolyGram

ENTER THE SANDMAN

(Hetfield-Ulrich)

METALLICA

ENTRA O MESTRE DOS SONHOS

Say your prayers little one	*Faça suas orações, pequenino*
don't forget, my son	*não esqueça, meu filho*
to include everyone	*de incluir a todos*
tuck you in, warm within	*eu cubro você, você quentinho por dentro*
keep you free from sin	*te mantenha livre do pecado*
till the Sandman he comes	*até que chegue o mestre dos sonhos*
sleep with one eye open	*durma com um olho aberto*
gripping your pillow tight	*agarrando o travesseiro com força*
(refrão)	*(refrão)*
Exit: light	*Sai a luz*
enter: night	*entra a noite*
take my hand	*pegue minha mão*
we're off to never never land	*estamos indo para a terra do nunca mais*
Something's wrong, shut the light	*Algo está errado, apago a luz*
heavy thoughts tonight	*pensamentos pesados hoje*
and they aren't of Snow White	*e não são sobre a Branca de Neve*
dreams of war, dreams of liars	*sonhos de guerra, sonhos de mentirosos*
dreams of dragon's fire	*sonhos com o fogo do dragão*
and of things that will bite	*e coisas que mordem*
sleep with one eye open	*durma com um olho aberto*
gripping your pillow tight	*agarrando o travesseiro com força*
(repete refrão)	*(repete refrão)*
Now I lay me down to sleep	*Agora me deito para dormir*
pray the Lord my soul to keep	*rezo para que Deus guarde minha alma*
if I die before I wake	*se eu morrer antes de acordar*
pray the Lord my soul to take	*peço a Deus que leve a minha alma*
hush little baby, don't say a word	*calma, bebê, não diga uma palavra*
and never mind that noise you heard	*e não ligue para o barulho que você ouviu*
it's just the beasts under your bed	*são só os monstros debaixo da cama*
in your closet, in your head	*no seu armário, na sua cabeça*
exit: light	*sai a luz*
enter: night	*entra a noite*
grain of sand	*grão de areia*
exit: light	*sai a luz*
enter: night	*entra a noite*
take my hand	*pegue minha mão*
we're off to never never land	*estamos indo para a terra do nunca mais*

© Creeping Death Music/PolyGram Music Publishing Ltd. (Direitos cedidos para o Brasil à Phonogram Produções e Eds. Musicais Ltda.)

genesis

TONY BANKS PHIL COLLINS MIKE RUTHERFORD

UM É BOM
DOIS É ÓTIMO.
TRÊS...
É DEMAIS.

SÓ PELO PHIL COLLINS JÁ DÁ PARA SENTIR O QUE É O GENESIS. MAS COM MIKE RUTHERFORD E TONY BANKS ESSA BANDA SE TORNA INCOMPARÁVEL. CORRA PRA COMPRAR "WE CAN'T DANCE". O NOVO DISCO DO GENESIS. TRÊS SUPER TALENTOS QUANDO SE JUNTAM É SUCESSO NA CERTA. ASSIM É DEMAIS.

EM CD - K7 - LP

EMI Virgin

CARTAS

HOMENAGEM A RAULZITO

Quando a BIZZ 67 chegou, me pegou naqueles dias de tédio. De repente virei, virei para a página 10, e o susto foi tamanho que pulei do sofá. "Um disco de covers do Raul Seixas dá uma chance para as novas bandas. Pode ser a sua." Poxa vida, eu curto Raul paca, sou guitarrista de uma banda, o que eu estava esperando? Corri uns dois quilômetros até a casa do outro guitarrista. Mostrei a reportagem e o entusiasmo foi geral. Para fazer uma boa fita, decidimos gravar num estúdio. Não foi fácil, pois não é barato. E, só para ajudar, dos cinco integrantes da banda quatro estavam desempregados... O que eu tento mostrar é que da mesma maneira que a matéria afetou nossa banda, provavelmente afetou as outras centenas ou milhares que também enviaram uma fita, cada uma com sua história. Quando procurei manter contato com a redação, a peteca começou a ser jogada para lá e para cá, até que recentemente obtive um parecer dizendo que furou tudo. O que me deixou revoltado foi como vocês mexeram com os sentimentos e com os bolsos das pessoas, e devem uma satisfação. O pessoal que é fã do Raul é muito fiel a esse nome, portanto não o usem em vão.

Angelo J.T. de Oliveira,
São Paulo, SP

Devemos, de fato, milhões de desculpas a todos os caras que escreveram, mandando demos, opiniões ou incentivos para o projeto. O diabo é que, após pelejar meses na tentativa de viabilização de um orçamento decente para a gravação e distribuição do disco — e quando praticamente tínhamos a coisa engatilhada, com todas as fitas ouvidas e classificadas, e alguns nomes mais conhecidos já contatados (Marcelo Nova, Barão, Ultraje) —, levamos, nós também, um puta susto. É que a Sony (uma das gravadoras a que tínhamos submetido o projeto) resolveu levar a coisa adiante, sem nos avisar, e segundo seus próprios critérios. Assim, das bandas novas só comparece uma do próprio cast da gravadora, e dos nomes mais votados pelos nossos leitores só o Barão e o Ultraje foram chamados (num primeiro momento achando, inclusive, que se tratava do mesmo disco). O Marcelo Nova afirma que "Rock'N'Roll", uma sobra das suas sessões com Raulzito para o LP A Caldeira Do Diabo, *foi usada à sua revelia. Esperamos que o disco, fique digno da memória do homenageado. Nós, infelizmente, não temos mais nada a ver com isso.*

CARAS & BUNDAS

Ao ver na capa o Skid Row, fiquei felicíssima. Viro duas páginas e dou de cara com o Faith No More. Olho para a página ao lado e... Guns N'Roses, viro outra e... Sepultura. O que mais posso querer?

Mariana Bravo
Jundiaí, SP

Fiquei estarrecido. Lamentável a matéria do Skid Row. "A AIDS mata viados", dizia a camiseta. Pergunta: ele já se viu nessa foto? Quem o Sebastian quer enganar, a vovó dele? É, porque a mamãe ele não engana mais: se ele critica tanto, é porque quer sufocar o que é. Essas bandas de heavy e todo o pessoal que curte o gênero não se enxergam mesmo, não é? Seria ótimo se eles calassem essas bocas imundas e produzissem coisas mais sérias. Chega de maquiagem.

Antonio Toledo
São Bernardo do Campo, SP

Quero parabenizar o José Emílio Rondeau pela ótima reportagem sobre o Skid Row. A capa ficou linda. Continuem nos brindando com mais matérias desse tipo.

Joselito Barbosa Coelho
São Paulo, SP

A capa com o Skid Row está simplesmente horrível. Quanto à matéria, o José Emílio foi o máximo em sua entrevista, mas escolheu o grupo errado. No caso do Skid Row, estou com a *New Musical Express*: "Lixo Total".

Ulisses Alves
São Paulo, SP

Estou escrevendo para comentar a ótima matéria sobre o Skid Row, especialmente a página dedicada ao "Bonitinho Mas...". Tudo bem que a maior parte do sucesso provém do Sebastian, mas dedicar uma página inteira a ele enquanto os letristas ficam reduzidos a um quadradinho insignificante no canto da página é ridículo. Espero que os(as) leitores(as) não comecem a gostar do Skid só por causa do seu vocalista bonitinho.

Regiane Panico
Youth Gone Wild Fan Club, Rua Dr. Ricardo Daunt, 125, CEP 01552, São Paulo, SP

Não gostei de topar com o bicha escroto do Sebastian na capa da única revista decente sobre música. Mas soube entender: vocês tentam agradar a todos, até os que gostam disso. Argh!!!

Danielle Sodré
Rio de Janeiro, RJ

Achei ótima a reportagem sobre o Skid Row! Mudei minha opinião sobre o grupo, vi que eles não são apenas "carinhas bonitinhos".

Marina Giovannetti Duartina, SP

Até algum tempo atrás, eu gostava muito do Skid Row. Tudo bem que eles queiram manter a fama de *bad boys*, mas daí a cuspir nas mãos de quem os ajudou é demais. Se não fosse o Bon Jovi, eles não seriam o que são agora.

Vivian Souza Ribeiro
Porto Alegre, RS

Qual a minha surpresa ao deparar-me com Sebastian Bach na capa da BIZZ! Comprei, mesmo sabendo que o conteúdo só serviria para me aborrecer. Ao terminar a leitura, quase não consegui acreditar. Não era possível que a mesma revista que disse, em números anteriores, que eles tinham muito o que aprender com os "cativantes e profissionais" músicos do Bon Jovi estivesse agora cobrindo o grupo de elogios. Já estava na hora do Skid Row ter seu valor reconhecido pela crítica.

Tatiana Tyler
Rio de Janeiro, RJ

A única coisa que me impediu de jogar a BIZZ de setembro no lixo foi a foto do Max pelado (que senhora bunda!). A revista estava realmente insuportável! Soft Cell, Kraftwerk, De La Soul, dance, dance, foto da Angélica e ainda por cima Menudo!! Meu Deus, que absurdo!

Sheila Almeida
São Paulo, SP

Esta carta, escrita em papel higiênico, é uma homenagem à foto do Max no *Showbizz*. Nós, leitores antigos, estamos maravilhados com as novas reportagens que estão aparecendo em nossa revista, tais como a que mostra o belo e formoso bundão branquíssimo e caído do gatésimo barbichinha superstar Max, do tão famoso Sepultura. Que lindo! É incrível que uma ótima revista como essa tenha decaído tanto a ponto de gastar espaço com obscenidades como a citada. Se a BIZZ pretende voltar a ser uma revista de categoria, deve colocar artigos que chamem atenção para o lado cultural da música, e não essa baixaria.

Moe, Larry e Joe
Porto Alegre, RS

Gostei muito da BIZZ de setembro, mas fiquei chateada com o tamanho da foto do Max tomando banho. Será que não dá para publicar uma maior?

Neidinha
Aracaju, SE

O que faz a crítica européia, americana, brasileira e ouvintes endeusarem a banda Sepultura? Será que fazer música é urrar no microfone, arranhar a guitarra e socar a bateria? A propósito, quanto àquela foto do Max nu... Símbolo sexy? Deu para constatar apenas uma coisa: eles tomam banho!

Claudia
São Paulo, SP

Escrevo essa carta para fazer alguns comentários sobre a banda Sepultura. É melhor que eles se assumam como posudos de merda que estão se tornando, em vez de continuar avacalhando o thrash, que é uma coisa séria. Se quiserem se assumir como os tesudos, nedutores e "comedores" de todas as mulheres existentes na face da Terra, devem se juntar à laia do Bret "Bicha" Michaels (Poison) e do Sebastian "Broxa" Bach (Skid Row). O que mais me espanta é que eles ainda têm coragem de declarar que são diferentes de bandas como Guns N'Roses. Por quê? Axl Rose não seria tão arrogante. Gostaria de dizer que me orgulho em não ser mais fã do Sepultura. Cedo meu lugar para as tietes de última hora, as mesmas que o grupo declarava não gostar há algum tempo.

José Rodrigues da Silva
São Paulo, SP

Eu e meus amigos jogamos fora todos os nossos discos do Sepultura e nos recusamos a usar camisetas e bottoms dessa banda. Tomamos essa atitude por causa das últimas atitudes e declarações da mesma. Éramos fãs fiéis da banda, daqueles que não perderiam um show por nada deste mundo. Mas chegamos à conclusão de que eles não merecem os fãs que têm. Para nós, o Sepultura morreu.

Amarildo Pereira
São Paulo, SP

Quase fui expulso de casa por ter comprado a BIZZ de setembro. Meus pais viram a revista e se depararam com aquelas fotos do "mais que bicha" Sebastian Bach e do "ultraviado" Max. Conclusão: fui acusado de estar comprando revista de "homem pelado"!?

Alexandre Figueiredo
Santa Rita, PB

Na edição 74 só deu crioulos e bichas. Desde Robbie Rosa e Sebastian Bach à inútil da Angélica, passando, é claro, pela bundinha do Max. Parabéns, BIZZ, por igualar-se à *Sétimo Céu*.

Fredy High
Rio de Janeiro, RJ

Alex Antunes responde: *"Os últimos serão os primeiros. A levar porrada. Que jogada é essa, Adolf... ops, Fredy, sobre 'crioulos e bichas'? Lamento informá-lo que, se você expurgasse da História da Música Popular todos os pretos e coras com comportamento social ou sexual desviante, não haveria história nenhuma para contar. Eu estaria desempregado. E você não estaria aí escrevendo besteira. Quanto à bunda do Max, é melhor os thrashers mais radicais não saírem crucificando o Sepultura, porque a 'culpa' é nossa. Acontece que um chapa deles (ex!) acompanhou parte da turnê européia da banda e voltou ao Brasil oferecendo fotos exclusivas de bastidores, com todas aquelas bobagens que rolam 'nas internas', para algumas publicações. Só que quando o Max soube ficou puto, e o fotógrafo veio nos pedir que a coisa fosse cancelada. Mas aí a revista já estava sendo impressa. De resto, que eu saiba, homem também tem bunda.*

HUMBERTO GESSINGER

Sinceramente, sou fã dos Engenheiros Do Hawaii. Está entre as cinco bandas que mais gosto no rock nacional. Mas uma coisa que já encheu é esse negócio dos membros da banda estarem sempre reclamando que "o público gosta da gente, mas a crítica não..." Pô, se vocês não se importam com a opinião da crítica, por que vivem falando nisso, como que justificando-se? No *Entrevistão*, Humberto veio com cada uma! "Inspirado ou não, mesmo sem composição, (o artista) tem que gravar. Não acho que tenha que esperar o clima, a música... Tem que sair matematicamente." Quer dizer que o cara deve gravar qualquer porcaria só para registrar? Isso é antiético! Os Engenheiros orgulham-se de ser, segundo eles, "o único trio". E daí? Quer dizer que o número de componentes é o que determina a qualidade do trabalho de um grupo? Se fosse assim, os Titãs e os Paralamas seriam as piores bandas do Brasil. Não entendo também aquela idéia de que, para ser "a banda", tu tem que ter dois nomes que começam com a mesma inicial, tipo Malu Mader, Renato Russo etc. Que bobagem é essa? Aliás, outra coisa que já encheu é essa onda de alfinetar o Legião Urbana. A gente sente pelas indiretas. Qual é, Humberto? Dá a entender que vocês querem disputar com eles. Isso não é necessário, pois há pessoas — como eu — que ama o Legião e gostam muito dos Engenheiros. Afinal, "há espaço para todos, há um imenso vazio..."

Paulinha Galdiano
Nova Iguaçu, RJ

MARINA

Foi com prazer e, ao mesmo tempo, tristeza, que li a reação de Marina à crítica. É triste constatar a falta de profissionalismo dessa revista que espanta os artistas nacionais de suas páginas, privando os leitores de matérias com personalidades como Marina. Daqui a pouco, vocês estarão apenas comprando matérias de revistas estrangeiras.

José Antônio Maia
Belo Horizonte, MG

AF responde: *A falta de profissionalismo e de respeito aos leitores é da Marina Lima, obviamente.*

FÃ-CLUBES

David Bowie *The Best Of David Bowie Fã-Clube*, Caixa Postal 42447, CEP 04299, São Paulo, SP

Deep Purple *Deep Purple Oficial Fã-Clube*, Rua Mazel, 204, CEP 06700, Cotia, SP

Eric Clapton *Eric Clapton Brazilian Fan Club*, Caixa Postal 11051, CEP 20236, Rio de Janeiro, RJ

Faith No More *Falling To Pieces*, Rua Natingui, 681, CEP 05443, São Paulo, SP

Faith No More *Fan-Epic*, Rua São Vicente, 1137, CEP 12940, Atibaia, SP

Fernanda Abreu *Fã-Clube Oficial Fernanda Abreu*, Caixa Postal 941, CEP 09001, Santo André, SP

Sex Pistols *The Original Fan Club Of The Pistols*, Rua Silvio Franco de Siqueira, 70, CEP 12280, Caçapava, SP

ERRAMOS

Na BIZZ 75, omitimos o crédito da foto do Barão Vermelho que está na capa da edição. O fotógrafo foi Flávio Colker.

No Ao Vivo do FNM (BIZZ 76), onde se lê *"Anne's Song"* leia-se "Crab Song". O *"trambolho movido a teclados piegas"* é "Edge Of The World", de autoria do próprio grupo, letra de Patton.

AS LETRAS QUE VOCÊ CURTE ESTÃO AQUI. TRADUZIDAS.

NESTE MÊS:

. C + C MUSIC FACTORY
. TINA TURNER
. JESUS JONES
. STING
. IRON MAIDEN
. E MUITO MAIS ...

BIZZ LETRAS TRADUZIDAS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

FLUIR
Surf

BODYBOARD
Bodyboard

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

SAÚDE E VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

HORÓSCOPO
Astrologia - Esoterismo

SET
Cinema e Vídeo

SET-1000 VÍDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

CONTIGO
Atualidades - TV

SEMANÁRIO
Variedades

SOM SERTANEJO
Música Sertaneja

FAMA
Música e Ídolos

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo
Redação, Publicidade e Correspondência: av. Nações Unidas, 5777, CEP 05457, TEL.: (011) 211-7866. Telegramas: Editabril Abrilpress

Rio de Janeiro
Rua Marechal Câmara, 160 - 15.º andar s/ 1533-34, CEP 20020. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1486

Los Angeles (EUA)
1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077. Phone: (213)474-7857

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex (00) 237670. FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex (0042) 660731 ABRIL-PA. FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICIDADE

Brasília-DF: Espaço Com. Integrada e Cons. Ltda. Fones: (061) 223-2134/226-3644 FAX

Belo Horizonte: M. A. M. Public e Repres. Ltda., rua Timbiras, 1560, conj. 1905, Ed. City Center, CEP 30140. Fone: (031) 222-5594

Região Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502, cj. 208, CEP 90060. Fone: (0512) 23-9526, Porto Alegre - RS; (0482) 44-8224 Florianópolis - SC; (041) 234-0439, Curitiba PR

Norte/Nordeste: Toda-Mídia Representações Ltda. Fones: (081) 465-1883 e 465-1856 FAX - PE

BIZZ

SERVIÇO AO ASSINANTE, ÀS SUAS ORDENS.

Você conta com um Serviço de Atendimento pronto a resolver dúvidas e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Porque a sua satisfação é o nosso compromisso maior.
Se ocorrer algo que esteja em desacordo com esse compromisso, por favor, entre imediatamente em contato conosco por carta ou pelos telefones abaixo, fornecendo seu código de assinante, que você encontra na etiqueta da sua revista.
Estamos à sua disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

Como falar conosco

Escreva para:

EDITORA AZUL
Departamento de Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Se preferir, telefone das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 275-2255
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Londrina - Tel. (0432) 22-6049
Porto Alegre - Tel. (0512) 29-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina.
Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Código de assinante |_|_|_|_|_|_|_|_|

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta do endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço.

313877

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard da Silva Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: André Forastieri
Editor: Alex Antunes
Editores-Assistentes: Camilo Rocha (Showbizz), Celso de Salles Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Conexão Brasil), Antonio Carlos Miguel (Rio)
Editor de Arte: Richard Kovacs
Chefe de Arte: Antonio Fernando Morra
Diagramador: Renato Yada
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Colaboradores — Textos: Arthur G. C. Duarte, Carlos Eduardo Miranda, Ênneas Neto, Esli Otto, Fábio Massari, Jan Fjalld, José João de Espírito Santo, Leandro Fortino, Luiz Veepucciu, René Ferri, Roscoe Maciel
Fotos: Fabiana Figueiredo, Ernesto Baldan, Dario Zalis, Ricardo Siqueira, Rui Mendes. **Revisão:** Alexandre Ortiz Ramos. **Arte:** Alexandre Maffei. **Correspondente (Londres):** Anamaria G. de Lemos

PUBLICIDADE

Diretor: Romeu Andreazza Filho
Supervisor: Rosangela Cassilo
Contatos: Arthur Oliveira Neto, Silvia Lima
RJ-Contato: Lúcia Camarati
Coordenação: Marcelo Pires

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Menendez Gomes
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Fábio Bueno

EDITORA AZUL

PUBLICIDADE:
Diretor Geral: Carlos Alberto Araújo
Diretor do Rio de Janeiro: Eduardo Rosa

SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Estúdio Fotográfico-Gerente: Fábio Cabral
Abril Press-Gerente: Judith Barons
Dpto. de Documentação-Gerente: Suzana Camargo
Correspondentes (Los Angeles): Ana Maria Bahiana, José Emilio Rondeau
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

BIZZ 77 é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel.: (011) 211-7866, CEP 05479. Caixa Postal 66254, CEP 05389. Telex (011) 83178. Fax (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril Abrilpress. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Câmara, 160 - 15.º andar S. 1533-34, CEP 20020. Telex (021) 36890. Fax (021) 532-1486. Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varare, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigido de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua solicitação, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Data de circulação: dezembro/91. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

SOUND BIZZ SHOPPING

AGORA FICOU FÁCIL: AQUI VOCÊ ENCONTRA UM ROTEIRO COM OS MELHORES EM DISCOS, CDs, K7s E VÍDEOS MUSICAIS

DISCOS E VÍDEO S13 studio 13

QUEM TEM QUE SER ALTO É O SOM, NÃO O PREÇO DO DISCO

Center Norte – Fone: 298-2865
Av. Tucuruvi, 215 – Fone: 204-0310
Maxi-Shopping – Fone: 732-1044
Jundiaí
Sider Shopping – Fone: 42-4225
V. Redonda

M.C.K.

DJ SHOPPING
A LOJA DOS DISC-JOCKEYS

Discos importados, acessórios, cursos para DJ's, e a Grife DJ SHOPPING — jaquetas, camisetas, bonés, moletons, botons...
VOCÊ PODE RECEBER EM SUA CASA
USE O TELE DJ — (011) 251-3239
Loja 1 — Av. Paulista, 2001, sbl. 28, CEP 01311, tel.: (011) 251-3239
Loja 2 — Av. Paulista, 807, tel.: (011) 285-0931
Agora também em Belém, Manaus, Rio Grande do Sul, Santo André - SP
Contato Franchising
(011) 289-3572 — FAX: (011) 533-5898

FORNECEMOS PARA AS MELHORES DISCOTECAS DO BRASIL.

Music Store

GRANDE VARIEDADE EM TÍTULOS IMPORTADOS

SOLICITE CATÁLOGO

♩ Compact Discs
♩ Video Lasers
♩ Fitas VHS (oficiais)
♩ 12" Remix (vinil)

Entregas para todo o Brasil com os melhores preços.
Aceitamos encomendas no atacado e varejo.

R. 24 de Maio, 116, lj. 29. Tels. (011) 228-6049/223-1174

SHOP RECORD

promo arrasadora

CDs + CDVs + MIX 12" + FITAS VHS
ACERVO COM MAIS DE 7.000 TÍTULOS EM CDs

o melhor preço

ENVIAMOS PELO CORREIO PARA TODO O BRASIL
ATENDEMOS TAMBÉM LOJISTAS E REVENDEDORES

Av. Paulista, 2001, Lj 67 — Térreo — Fone: 284-3302
Fax: 577-3311; em Santos Fone: (0132) 48569

TROCA ESTE ANÚNCIO E GANHE 10% DE DESCONTO

KUBIKULUM ROCK

CDs

americanos • europeus • japoneses
catalogo completo • novidades semanais
anéis • camisetas • moletons • etc.
enviamos para todo o Brasil

KUBIKULUM ROCK

R. 24 de Maio, 62, 2.º andar, Conj., 351, CEP 01014, FONE/FAX: (011) 221-5019, SP

RAMONES
ROCKET TO RUSSIA (1977)

É duro ser um garoto de doze anos afundado até o queixo no lodoso tédio urbano. Todo mundo dá palpite na sua vida. O status em casa e na rua, a voz e até o corpo ainda são de criança — mas os instintos são de homem, e as garotas, todas ficando peitudas, não estão nem aí com você. Escrotas. Piranhas.

A única saída é dar uma de muito mais durão do que você realmente é. Começar a beber, fumar, bater punheta direto. E estar pronto para sacrificar qualquer coisa por alguns momentos de diversão adrenal.

Mas dá mesmo para sacrificar? É difícil. Nem todo mundo é durão de verdade. Dá até para afetar a cara de mau, mas no fundo você gosta é de ver sessão da tarde... jogar fliperama, tomar milkshake, ouvir rock altão no seu quarto só para zoar a mãe, pegar uma praia, passear ao crepúsculo de mãos dadas com sua baby (quem dera!...

Dá para jogar tudo para o alto só por um pouco de alegria? Vale a pena matar aula o tempo inteiro, não estar nem aí com a escola? Sim, se isso garantir a admiração das minas e o respeito dos colegas. Mas e se depois você acaba tomando pau por causa disso? Cheirar cola é gostoso... mas faz mal! Mas... qual é o problema de fazer mal? No fundo você vai acabar morrendo mesmo!

Viver é uma confusão desgraçada — e nunca isso fica mais claro na vida de um homem do que quando começam a aparecer os primeiros pêlos na cara.

O absurdo é que quatro nova-iorquinos broncos tenham capturado com tanta precisão este estado de espírito púbere que-se-foda. Sem intelectualismo nem autoparódia e em plena hegemonia Yes-Zep, os Ramones inventaram o som da adolescência. Puro, sem misturas, sem gelo.

As bases já existiam, claro. O rock de garagem dos anos 60, a *surf music*, o *bubblegum*, Stooges, os Stones do começo, New York Dolls. O próprio Joey Ramone começou a cantar numa banda *glam* (o Sniper).

Mas os Ramones levaram a coisa um passo adiante, indo direto ao esqueleto do negócio: músicas de dois minutos, refrões simples e riffs primários, letras que viam a dor e a delícia de ser *teenager* através do rayban da cultura popular mais acessível e rastaqüera.

Tudo tão rápido, pesado e pegajoso quanto possível. Urgente como um comercial de TV. Punk rock, mesmo — se você pensar que punk originalmente significa vagabundo de rua, tranqueira, cara inútil para a sociedade.

Rocket To Russia pegou o que já era perfeito — os dois primeiros discos do grupo, *Ramones* e *Leave Home*, ambos de 76 — e elevou à categoria de transcendental. Tem duas covers, "Do You Wanna Dance?" e "Surfin' Bird", que dispensam comentários. E outras doze faixas originais essenciais, escritas com senso de humor, produzidas com capricho minimalista e executadas com a fúria e o tesão de quem está se divertindo pra cacete — contra tudo e todos. Entre "Rockaway Beach" e "Teenage Lobotomy" está tudo o que você precisa saber sobre rock.

Também tem "Sheena Is A Punk Rocker", "Cretin Hop", "I Wanna Be Well" — mas escute, não é isso o que importa. Não importa que Johnny Rotten e Joe Strummer e esse bando todo de ingleses tenham se inspirado e imitado os Ramones, nem que grande parte da new wave, do punk e *todo* o hardcore deva as calças ao quarteto. Não importa a famosa cena do CBGB, nem o Blondie, nem os Talking Heads. Se discos futuros seriam irregulares, se eles bebiam ou se drogavam, se eles se repetiram, se Dee Dee compunha melhor que Johnny, se Marky isso e aquilo — naaada disso importa.

O que importa é Joey Ramone cantando "I don't care about this world/I don't care about that girl... I don't care". Eu não tô nem aí, não tô nem aqui e quero que tudo mais vá pro inferno. *I just wanna have some fun.*

Ramones, a melhor banda de rock'n'roll da história — provavelmente.

ANDRE FORASTIERI

O SOL NA ILHA
OUVE A 96.9
O MAR CANTA
A LUA CURTE

UNIÃO

ALTERNATIVA

• ILHA DE SANTA CATARINA •

AREA

TODO MUNDO SABE QUE
DISCO
É O MELHOR PRESENTE ...

INXS
LIVE BABY LIVE

BRYAN ADAMS
WAKING UP THE NEIGHBOURS

TEXAS

MOTHERS HEAVEN

TEXAS
MOTHERS HEAVEN

EXTREME
PORNOGRAFFITTI

TIN MACHINE II

NOVAS TENDÊNCIAS 2

... MAS DIFÍCIL É ESCOLHER O MELHOR DISCO.

CD • LP • MC
PolyGram